

FICHA CATALOGRÁFICA

DRUMMOND, Lucas Gaulia

Amor à Vida: um marco da representação homossexual nas novelas das oito da Globo / Lucas Gaulia Drummond – Rio de Janeiro, 2014.

Projeto Exeprimental – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2014.

Orientadora: Raquel Paiva de Araujo Soares

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**“AMOR À VIDA”: UM MARCO DA REPRESENTAÇÃO
HOMOSSEXUAL NAS NOVELAS DAS OITO DA
GLOBO**

LUCAS GAULIA DRUMMOND

RIO DE JANEIRO
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**“AMOR À VIDA”: UM MARCO DA REPRESENTAÇÃO
HOMOSSEXUAL NAS NOVELAS DAS OITO DA
GLOBO**

Projeto Experimental apresentado no Curso de Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo

LUCAS GAULIA DRUMMOND

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel Paiva de Araujo Soares

RIO DE JANEIRO
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **“Amor à Vida: um marco da representação homossexual nas novelas das oito da Globo”**, elaborada por Lucas Gaulia Drummond.

Monografia examinada em ____ / ____ / ____

Comissão Examinadora:

Profª Drª Raquel Paiva de Araujo Soares – Orientadora – ECO/UFRJ
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profª Drª Marialva Carlos Barbosa – ECO/UFRJ
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profª Drª Ana Paula Goulart Ribeiro – ECO/UFRJ
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação –
UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela formação que me proporcionaram, por me fazerem acreditar que nada é impossível quando se tem perseverança e dedicação e por estarem sempre ao meu lado, apoiando minhas decisões e apostando nelas junto comigo. Ao meu irmão, Ricardo, pelo companheirismo, por todos os ensinamentos e pela amizade; à Nininha, não apenas por todo o amor e carinho, mas por ter me apresentado ao universo das novelas e ter tornado essa pesquisa possível; aos meus avós, Luise e Théo, por todos os momentos incríveis juntos; aos meus amigos e familiares por acreditarem em mim e me incentivarem sempre a lutar pela realização dos meus sonhos.

Obrigado a todos os professores da Escola de Comunicação da UFRJ por dividirem comigo seu conhecimento e contribuírem para o meu aprendizado; à professora Raquel Paiva, pela orientação e principalmente pela amizade; à professora Marialva Barbosa, por ter me levado para conhecer o Projac e despertado ainda mais o meu interesse por esse universo fantástico da teledramaturgia.

E, principalmente, obrigado a Deus por todas as oportunidades que tenho.

DRUMMOND, Lucas Gaulia. **Amor à Vida: um marco da representação homossexual nas novelas das oito da Globo.** Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

A pesquisa analisa a representação homossexual na novela “Amor à vida”, de Walcyr Carrasco, exibida pela Rede Globo entre 20 de maio de 2013 e 31 de janeiro de 2014. O sucesso do casal Félix, interpretado por Mateus Solano, e Niko, vivido por Thiago Fragoso, levou à concretização de um grande marco na história da televisão brasileira e do movimento gay no país – a exibição do primeiro beijo homossexual masculino em uma novela da emissora líder em audiência. A pesquisa discute ainda a relação entre ficção e realidade existente nos folhetins, a partir de uma investigação sobre a trajetória da representação homossexual nas novelas das oito da Globo, ao longo dos quase 50 anos de existência, traçando um paralelo com o crescimento do movimento gay no Brasil. Mesmo que se tratem de histórias de ficção, a busca por referências em personagens e situações da realidade acaba conferindo às novelas um enorme potencial de educar, informar e provocar a reflexão sobre questões da vida cotidiana.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	01
2. A HISTÓRIA DA TELENOVELA	06
2.1. Origens do gênero	08
2.2. Televisão no Brasil	11
2.3. As novelas da TV Globo	14
3. HOMOSSEXUALIDADE NAS NOVELAS	22
3.1. Os primeiros gays das novelas	24
3.2. Anos 80: a AIDS e a censura	29
3.3. Anos 90: a narrativa de revelação	32
3.4. Beijo gay na televisão?	35
4. “AMOR À VIDA”	46
4.1. Félix, a “bicha má”	46
4.2. Niko, o “carneirinho”	52
4.3. O beijo	56
5. CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

No dia 31 de janeiro de 2014, sexta-feira, quando entrei em minha página no Facebook, por volta das 23h40min, a cada 10 postagens, 8 falavam sobre o beijo gay entre os personagens Félix e Niko, no último capítulo da novela “Amor à Vida”. Diversos depoimentos parabenizavam o autor Walcyr Carrasco e a Rede Globo pela exibição da cena, à qual se referiam como um “marco na história da televisão brasileira”. Tanto no Facebook, quanto no Instagram, milhares de usuários postavam fotos do beijo ou compartilhavam a cena diretamente do site da Rede Globo. A *hashtag* #BeijaFélixENiko, que durante a exibição do último capítulo foi a mais citada no Twitter brasileiro e ficou em terceiro lugar no Twitter mundial, mantinha-se entre os assuntos mais comentados do dia, no microblog. Com declarações que exaltavam a diversidade, o amor e a paz, as pessoas festejavam o fim do preconceito na TV.

Durante a minha infância, assisti a muitas novelas. Não sei se acabei simpatizando com o gênero graças às minhas babás que, como fãs incondicionais dos folhetins, sempre me obrigavam a acompanhá-las enquanto apreciavam suas tramas favoritas, ou porque, desde pequeno, eu já demonstrava encanto pela arte de interpretar. Fato é que, desde criança, sempre gostei de novelas. Também já sabia há tempos que, como principal produto brasileiro de teledramaturgia, elas exercem enorme influência nos hábitos e costumes da população, principalmente sobre aquela parcela que tem nos folhetins a sua principal fonte de informação e diversão. Afinal, desde o fim do modelo melodramático – apelidado de capa e espada –, as novelas passaram a ter uma forte ligação com a realidade ao retratar fatos da vida cotidiana do povo brasileiro, aproximando-o de suas questões. Antes disso, os folhetins veiculados por aqui – fossem no rádio ou na televisão – exibiam roteiros comprados em outros países latino-americanos, cujas histórias remetiam a realidades distantes da nossa.

No entanto, confesso que me surpreendi que, em pleno século XXI, esse tenha sido o primeiro beijo entre dois homens em uma novela da emissora líder de audiência no país. Afinal, nos Estados Unidos e na Europa, para os quais a Rede Globo inclusive exporta muitas de suas novelas, a demonstração de amor entre

pessoas do mesmo sexo na televisão é muito comum. Decidi então que queria pesquisar esse marco – o primeiro beijo homossexual em uma novela da Rede Globo – a fim de entender melhor sua trajetória e a conjuntura na qual aconteceu.

Logo que comecei a estudar o assunto, descobri que a tentativa de emplacar um beijo gay entre dois homens em uma novela global já completava quase uma década. A discussão ganhou visibilidade em 2005, quando Glória Perez, autora de “América”, escreveu uma cena de beijo para Júnior, interpretado por Bruno Gagliasso, e Zeca, vivido por Erom Cordeiro. A cena teve sete versões, foi gravada e, no dia da exibição, não foi ao ar por decisão da direção de entretenimento da emissora. Dois anos antes, no último capítulo de “Mulheres Apaixonadas”, novela de Manoel Carlos que contou a história de amor entre as jovens Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), foi ao ar uma cena em que, durante uma encenação de “Romeu e Julieta”, de Shakespeare, as duas deram um “selinho”. Muitos críticos de televisão, no entanto, não consideraram este o primeiro beijo gay em uma novela da Globo dadas as condições em que aconteceu. Em primeiro lugar, porque foi camuflado pela ideia de acontecer em uma peça de teatro; em segundo, porque, nessa peça, Rafaela interpretava um personagem masculino – Romeu; e em terceiro, porque o beijo não foi retribuído, já que, na cena em que aconteceu, Romeu estava morto. Em “Um sonho a mais”, novela de Lauro César Muniz exibida em 1985, ocorreu uma situação semelhante: no último capítulo, Ney Latorraca e Carlos Kroeber também deram um “selinho”. O beijo, cujo objetivo era selar a união entre Anabela – papel de Ney Latorraca – e seu amado Pedro Ernesto – vivido por Kroeber –, também não pode ser considerado um beijo gay, já que Ney estava interpretando uma personagem feminina.

Percebi, então, que a história deste primeiro beijo gay estava fortemente ligada a outra trajetória, na qual eu também teria que me aprofundar – a da representação homossexual nas novelas globais. Para compreender o significado e a importância da cena protagonizada por Félix e Niko para a sociedade e, principalmente, para o movimento GLBTT (Gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) no Brasil, era necessário primeiro me familiarizar com a trajetória do movimento na luta pela

construção de uma identidade gay positiva nas novelas. Afinal, não é desde a inauguração da Rede Globo que os homossexuais têm tanto espaço nas novelas como têm hoje.

Para tanto, dividi a pesquisa em três capítulos. O primeiro pretende dar conta da história da telenovela enquanto gênero – suas origens, sua chegada ao Brasil e as transformações pelas quais passou até atingir as feições que conhecemos hoje. Esta unidade sintetiza também uma investigação da história da Rede Globo de Televisão, desde a sua inauguração em 1965 até os dias atuais – como a emissora conseguiu penetrar em um mercado televisivo extremamente competitivo e derrubar a concorrência, consolidando-se como a líder de audiência em todo o Brasil. Como bibliografia fundamental para esta etapa, foram utilizadas as obras de Renata Pallottini, imprescindível para conceituar o que é telenovela e quais as suas particularidades; Renato Ortiz e José Marques de Melo, importantes para o entendimento não apenas da história do gênero, mas também da maneira como ele é estruturado e produzido; e Marcel Souto Maior e Ismael Fernandes, determinantes na pesquisa voltada para o surgimento da Rede Globo e de sua história. O site “Memória Globo” também desempenhou um papel fundamental, trazendo informações adicionais como fotos, vídeos, entrevistas e, inclusive, uma biografia resumida de Roberto Marinho.

O segundo capítulo, por sua vez, analisa a trajetória da representação homossexual nas novelas globais, sempre fazendo um paralelo com a situação do movimento gay no país – como os homossexuais foram sendo retratados ao longo desses quase 50 anos de TV Globo e quais os reflexos dessas representações no imaginário social do povo brasileiro. Os principais instrumentos de pesquisa para esta unidade foram o “Dicionário da TV Globo - volume 1”, que possui um rico acervo sobre todos os programas de dramaturgia e entretenimento da emissora; a monografia “Paraíso Tropical e a representação homossexual nas novelas da Rede Globo”, apresentada pelo ator e roteirista Felipe Cabral ao curso de Comunicação Social da PUC/RJ, em 2007; a obra “Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo” de Adriana Nunan, que me aproximou da história do movimento gay

principalmente no Brasil, mas também no mundo; o artigo do Prof. Dr. Leandro Colling, “Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados”, publicado na revista *Gênero*, no segundo semestre de 2007; além de uma série de reportagens divulgadas na internet. É importante explicitar que, embora tenha havido personagens gays também em novelas das 18h e 19h, optei por concentrar a minha pesquisa apenas nas “novelas das oito” por três motivos. Primeiro porque, no horário das 19h, geralmente ocupado por novelas de comédia, os homossexuais foram quase sempre afeminados e estereotipados – algo que, ao longo dos anos, revelou-se uma receita infalível para conquistar a audiência. Segundo porque, como a incidência de personagens homossexuais nas “novelas das oito” (que embora tenham esse nome, hoje em dia são exibidas às 21h, e não mais às 20h) sempre foi maior do que nas outras, a análise das novelas dessa faixa torna mais nítidas as transformações pelas quais a representação homossexual passou nos folhetins ao longo dos anos. E em terceiro, porque o beijo entre Félix e Niko aconteceu em uma novela deste horário.

Por fim, o terceiro e último capítulo compõe um estudo de caso sobre como os personagens gays foram retratados em “Amor à Vida” – como se deu a sua construção por parte dos atores; como foi a recepção do público; e como a história caminhou para que o primeiro beijo gay masculino finalmente se concretizasse. Esta unidade também destaca a forma como Walcyr Carrasco trouxe para a telinha a discussão sobre a homofobia e o preconceito, comprovando a forte ligação entre ficção e realidade existente nas novelas. Através da relação entre Félix e seu pai, César (Antonio Fagundes), que rejeitava o filho em função da sua orientação sexual, o autor mostrou o drama vivido por muitos homossexuais em ter que superar o preconceito não apenas nas ruas, mas também, muitas vezes, dentro da própria casa. Ao abordar a homofobia, Carrasco estava ainda estabelecendo um diálogo com a realidade, já que, em 2013, o assunto ganhou enorme visibilidade após a aprovação pela Câmara dos Deputados do projeto de lei apelidado de “Cura gay”. O projeto, que autorizava psicólogos a proporem um tratamento para a homossexualidade, gerou polêmica e levou muitas pessoas às ruas para protestar não apenas contra a aprovação, mas também contra a

legitimação da concepção da homossexualidade como uma doença. Além de matérias e reportagens divulgadas na internet, entre elas entrevistas com o autor Walcyr Carrasco e com os atores Mateus Solano e Thiago Fragoso – protagonistas do beijo –, foram de suma importância, na elaboração deste capítulo, as considerações do especialista em telenovelas Nilson Xavier, publicadas no site “Teledramaturgia”, além de vídeos sobre a novela, disponíveis para visualização em sua página oficial.

Embora tenham sido feitas várias tentativas de entrevistar tanto Mateus Solano, quanto Thiago Fragoso – todas sem sucesso – acredito que a riqueza e a variedade da bibliografia permitiram que qualquer eventual lacuna que existisse fosse preenchida e a pesquisa obtivesse sucesso na sua proposta: analisar a interação entre vida real e ficção das telenovelas brasileiras contemporâneas e refletir sobre suas funções pedagógica, informacional e modernizante, a fim de construir um mundo melhor, livre de discriminação e preconceitos.

2. HISTÓRIA DA TELENVELA

A telenovela é um gênero de ficção produzido no mundo inteiro, por isso suas características e formatos podem variar de país para país. Como base para estudo aqui desenvolvido tomaremos o modelo brasileiro – e também latino-americano –, segundo o qual ela pode ser entendida como uma história contada por meio de imagens televisivas, com ação e diálogo, veiculada de forma fragmentada em capítulos diários. Construídos em segmentos de igual tamanho, geralmente três ou quatro, cada capítulo dura, aproximadamente, sessenta minutos, dos quais 45 são de ficção, ou seja, a história propriamente dita, e os demais são preenchidos pausas para comerciais. Em geral, as novelas televisivas possuem uma média de 200 capítulos.

A estrutura de uma telenovela se baseia ainda em diversos grupos de personagens, de lugares de ação, de conflitos e, principalmente, em uma multiplicidade de tramas, ao contrário, por exemplo, da minissérie, gênero de ficção marcado por uma única trama importante. Como aborda Renata Pallottini em seu livro, o esqueleto de uma telenovela pode ser comparado a uma árvore:

As raízes, escondidas sob a terra, correspondem às concepções básicas do autor, sua filosofia e visão de mundo, sua ideologia; o tronco é a história central, aquela que, na sinopse, é a coluna mestra, a espinha dorsal; e os ramos, sempre muitos, são as consequências da história central, as outras histórias, linhas de ação, conflitos menores, secundários. (PALLOTTINI, 2012:52)

Um dos elementos essenciais da telenovela brasileira é a existência obrigatória de uma trama principal e várias subtramas. A apresentação de muitas tramas secundárias é a garantia ao espectador da possibilidade de a história se tornar mais extensa e complexa, enquanto para o autor ela representa uma possibilidade de escolha entre os vários fios narrativos, e desenvolvimento dos que se comprovem mais férteis ou que tenham maior aceitação e interesse por parte do público.

Esse aspecto está relacionado à outra característica da telenovela brasileira, fundamental para esta pesquisa: o fato de ser uma “obra em aberto”, ou seja, ir ao ar antes de estar totalmente escrita. A gravação de uma novela pode começar com vinte, trinta ou cinquenta capítulos já escritos e prontos para serem produzidos, mas em quase todos os casos sua redação prossegue com a novela já no ar. Como está sujeita ao julgamento do público e da crítica, dessa forma, é possível modificar e alterar os

rumos de uma ou mais tramas, a fim de atingir maior audiência. Assim, pode ocorrer que uma subtrama seja introduzida durante o desenrolar da criação do folhetim eletrônico, ou ainda que um ramo da árvore, no qual o autor apostara nos primeiros capítulos, mude completamente seus rumos para atender às expectativas da audiência, ou até mesmo seja cortado por não agradá-la.

Esse esquema realça o potencial ativo de participação do telespectador na construção da narrativa que ele vai assistir, o que coloca em cheque um dos maiores preconceitos sofridos pelo gênero: o seu potencial de alienação. Uma das grandes acusações sofridas pela telenovela atualmente é o seu caráter alienante, o que só demonstra a importância, cada vez maior, de se discutir esse produto de ficção televisiva, não apenas no meio acadêmico, mas principalmente fora dele. Cabe a nós, então, perguntar: a telenovela aliena?

A resposta seria positiva, se entendermos o substantivo alienação como sinônimo de lazer, diversão e entretenimento. Ao espectador que volta ao lar depois de um dia cansativo e estressante de trabalho, a televisão de fato proporciona divertimento e distração, permitindo o relaxamento e uma absorção passiva do que é veiculado, como um caminho alternativo para seus pensamentos. A telenovela é de fato, em boa parte, entretenimento, mas não apenas isso. Ela também traz à tona problemas da atualidade, provocando o debate e o questionamento; encena temas locais e universais; e ainda, cria personagens baseadas no ser humano, o que permite ao espectador refletir sobre a humanidade e sua psicologia. Levando tais fatores em consideração, este gênero só poderia ser considerado alienante se supuséssemos que a narrativa de uma ação ou encenação de fatos da vida cotidiana nos induzisse a esvaziar nossas próprias possibilidades de ação, ao invés de nos convidar a elas. Sendo assim, a novela pode ensinar, despertar a curiosidade, provocar, estimular a polêmica, incentivar o chamado “marketing social”, entre outras coisas, voltando os seres humanos para as suas questões, e não desviando-os. O autor de novelas Yves Dumont afirma que o processo de construção de uma novela deve dosar muito equilibradamente os três pontos fundamentais nos quais ela se alicerça: em primeiro lugar, o bom entretenimento, que permite ao espectador “viajar” pelos bons caminhos do sonho e da imaginação; em segundo, o papel de agente de transformação da realidade, o qual pode sensibilizar e motivar o receptor; e por fim, o viés mercadológico, que exige sempre leitura criteriosa das características peculiares da audiência a ser atingida (DUMONT *apud* LOPES, 2004) Esse viés mercadológico,

que sublinha o caráter de produto da telenovela, existe, no entanto, desde muito antes do surgimento da televisão, época em que as novelas já faziam enorme sucesso em outro veículo – o rádio.

2.1. Origens do gênero

Pode-se dizer que a telenovela tem três pais: o folhetim, a *soap-opera* e a radionovela. Sua filiação ao romance folhetim já é bastante conhecida. Vários estudos indicam este tipo de narrativa como uma espécie de arquétipo da telenovela. O gênero folhetinesco surgiu na França nas primeiras décadas do século XIX, quando a industrialização provocou uma série de transformações, principalmente no cenário cultural. As inovações tecnológicas que surgiram deste processo proporcionaram não apenas uma ampliação do sistema de comunicações, colocando grandes centros urbanos em contato com os pequenos povoados da província, como também atingiram a esfera da produção cultural, particularmente a área de impressão de livros e jornais, através da fabricação de tinta para papel, da introdução de processos para impressão em larga escala e de um novo maquinário (prensa a vapor e mecânica). Além disso, a construção de estradas de ferro, auxiliando na difusão dos impressos, e um movimento crescente em favor da alfabetização da população francesa, incentivado pelo Estado, permitiram um aumento da aptidão à leitura e do consumo de livros e jornais. Como aponta Renato Ortiz, “[...] em 1836 todos os jornais parisienses faziam juntos uma tiragem de 70.000 cópias. Em 1846, este número cresce para 200.000 e, em 1889, só o *Petit Parisien* imprimia 775.000 exemplares.” (ORTIZ, 1988:13).

É nesse contexto que surge o romance-folhetim, narrativa publicada em pedaços diariamente nos jornais. Em outubro de 1836, *La Presse*, de Émile Girardin, publica um romance inédito de Balzac, e a partir de então, esta forma seriada de literatura passa a ser cada vez mais aceita, até se tornar definitivamente popular em 1863, consolidando seu êxito entre as classes populares urbanas e, no final do século, até mesmo junto aos camponeses das províncias.

No Brasil, esse gênero se desenvolve quase que concomitantemente ao seu surgimento na França. Embora muitas das histórias oferecidas por aqui fossem meras traduções de folhetins publicados na imprensa francesa, também houve a publicação de romances de autores brasileiros na forma seriada, como, por exemplo, “O Guarani”

de José de Alencar. Em nosso país, os folhetins publicados nos jornais mostrar-se-iam de grande utilidade para os escritores, já que, devido às baixas tiragens, a escrita tinha dificuldades de se materializar no livro enquanto forma de comunicação. Assim, pode-se dizer que os literatos brasileiros, quando publicavam seus romances em pedaços nos jornais, estavam mais utilizando estrategicamente o único meio de expressão que lhes era disponível do que propriamente produzindo uma literatura de entretenimento. No Brasil, entretanto, esta forma de literatura se tornou obsoleta antes de ter sido considerada popular, devido ao alto índice de analfabetismo. A chegada do rádio traria novas possibilidades de veiculação de histórias seriadas, sem exigir aos seus apreciadores que soubessem ler. Bastava apenas saber escutar.

O rádio é explorado pela primeira vez como veículo de irradiação de histórias seriadas nos Estados Unidos. O lançamento de *Painted Dreams*, em 1930, seguida por *Today's children*, inauguraria o que seria conhecida como a era de sucesso das *soap-operas*. É ainda nesse período que o rádio se populariza nos EUA e passa a ser visto não só como uma forma barata de entretenimento, mas também como uma maneira eficaz de se atingir a maior parte da população. Assim, a fim de aumentar as vendas de seus produtos, as grandes companhias industriais, como a *Procter and Gamble* e a *Colgate-Palmolive*, começam a produzir as denominadas “óperas de sabão”, histórias de ficção seriada destinadas a um público-alvo bem específico: as donas de casa. Já em 1932, as pesquisas de audiência revelavam que a dona de casa era o membro da família com a maior influência nas compras. Desse modo, como o interesse das grandes companhias era vender seus produtos, fosse sabão, comidas ou utensílios para uso doméstico, as mulheres tornaram-se um público privilegiado e as *soap-operas* a forma ideal para atingí-las.

Embora ambos os gêneros se apresentem de forma fragmentada, a *soap-opera* possui diferenças em relação ao folhetim. Ao contrário deste, organizado em capítulos que conduzem a um desfecho da história, a “ópera de sabão” se constitui de um núcleo que desenrola indefinidamente sem ter realmente um fim. Daí vem a nossa sensação de que as novelas estadunidenses são muito longas. Além disso, a invenção e distribuição desse tipo de narrativa estiveram desde seu início comprometidas com um viés comercial, ao contrário do folhetim que, quando foi criado, não fazia parte de nenhuma estratégia empresarial a fim de aumentar o número de leitores.

Enquanto na década de 1930 as *soap-operas* prosperavam nos Estados Unidos, na América Latina, mais precisamente em Cuba, um outro gênero de ficção seriada

começava a florescer. Seguindo o modelo norte-americano, as radionovelas também eram patrocinadas por fábricas de sabão cubanas como a *Crusellas* e *Savatés*, que mais tarde seriam incorporadas pela *Colgate-Palmolive* e pela *Procter and Gamble*. Porém, como descreve Renato Ortiz:

A tradição cubana se enraíza numa outra cultura, o que a leva a privilegiar o lado trágico, melodramático da vida. Os títulos de várias dessas séries revelam, por um lado, a sua preocupação com o universo feminino, por outro, esta necessidade que alguns definiram como “fazer chorar”: *Divorciadas*, *Mujeres que trabajan*, *Yo no quiero ser mala*, *El dolor de ser madre* (ORTIZ *et al*, 1988:24)

As radionovelas, todavia, não se resumiam apenas a lágrimas e sofrimento, outro tema muito importante também sobe para o primeiro plano: o amor. Assim, unindo uma pitada de cada um desses elementos, surgiria um modelo que após fazer enorme sucesso na ilha, seria difundido pelas companhias patrocinadoras por toda a América-Latina, até chegar ao Brasil, em 1941. À época, o país vivia os anos dourados do rádio, sendo este um dos principais veículos de comunicação, devido ao imediatismo que possibilitava na transmissão das notícias. A primeira radionovela, “Em Busca da felicidade”, foi transmitida em 5 de junho de 1941 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Embora antes disso já existissem radiodramatizações, ou seja, a transmissão radiofônica de números teatrais, o novo gênero propunha outro modelo, como aponta Amanda Wanderley Santos:

O que se propunha com as radionovelas era um novo modelo de dramatização que ia além da simples radiofonização de uma peça teatral. As novelas eram transmitidas em séries, a princípio, às segundas, quartas e sextas-feiras ou às terças, quintas e sábados. A duração de cada uma dessas, variava entre dois meses e dois anos, como “Em Busca da Felicidade” que ficou no ar entre 1941 e 1943 (SANTOS, 2010:4).

Embora tenham chegado ao Brasil apenas na década de 1940, como dito anteriormente, as radionovelas já eram um sucesso consolidado em outros países da América Latina desde 1930, motivo pelo qual os folhetins radiofônicos veiculados por aqui sofriam enorme influência estrangeira. “Em Busca da Felicidade”, por exemplo, era um roteiro de origem cubana, escrito por Leandro Blanco, adaptado para o rádio brasileiro por Gilberto Martins e considerado excessivamente dramático. Embora as adaptações visassem aproximar um pouco mais a estória da realidade brasileira, eram

poucas as mudanças, devido ao enorme sucesso do modelo melodramático no exterior, o que o tornava uma aposta dos patrocinadores também para o Brasil.

Quando, em 1950, chega a televisão, patrocinada por Assis Chateaubriand, inicia-se a decadência das radionovelas e do rádio como um todo. A possibilidade de unir som e imagem proporcionada pela televisão tornou este veículo muito mais atrativo e eficaz para a venda de produtos, o que fez com que, aos poucos, todas as verbas publicitárias se transferissem para os programas televisivos. Os primeiros programas do novo veículo herdaram todo o *know-how* do fazer radiofônico, assim como a maioria dos apresentadores e artistas que faziam sucesso no rádio. Então, para acirrar ainda mais a competição entre as emissoras de ambos os veículos pela verba publicitária, surge em 1951, a primeira experiência de telenovela no Brasil. “Sua vida me pertence”, de Walter Forster, era transmitida duas vezes por semana com capítulos de 20 minutos de duração.

2.2. Televisão no Brasil

Os primeiros anos de televisão no Brasil foram marcados pela improvisação técnica, organizacional e empresarial. Como a TV era uma aquisição recente, não se dispunha ainda de um conhecimento seguro de como explorar esse novo veículo. Assim, durante seus primeiros passos, a linguagem televisiva copiava a tradição radiofônica, afinal a maioria dos profissionais que estavam à frente e por trás das câmeras tinha vindo do rádio. O depoimento do escritor Manoel Carlos, em *Telenovela: história e produção*, esclarece:

A televisão brasileira foi basicamente feita pelo pessoal do rádio, diferente da televisão francesa, inglesa, italiana e mesmo da americana, que foi feita pelo pessoal do cinema e do teatro. Todos os escritores, atores, diretores de programas radiofônicos foram representar e dirigir programas de televisão (ORTIZ *et al*, 1988: 44).

O novo veículo, entretanto, apresentava uma novidade – a imagem –, o que tornava desnecessária uma série de elementos utilizados no rádio para conferir veracidade às transmissões, como a sonoplastia e inflexões exageradas, demonstrando ainda que a televisão teria que achar sua própria linguagem. E não foi apenas para a forma que o *know-how* radiofônico serviu como modelo, mas também para o

conteúdo. Assim como no rádio, os roteiros dos folhetins televisivos continuaram a ser comprados do exterior. Em seu livro, *Memória da telenovela brasileira*, Ismael Fernandes ressalta que a nossa realidade era pouco contada nas histórias que iam ao ar, exibindo cultura e tradição de outros povos. A novela “A gata”, exibida pela TV Tupi em 1964, por exemplo, tinha um enredo centrado na questão escravista das Antilhas no século XIX, ignorando a própria história da escravidão no Brasil. Assim, recheadas de duques, condes e barões, em seus primeiros anos, as telenovelas brasileiras, marcadas pelo que ficou conhecido como modelo capa e espada, marginalizavam os problemas e as transformações políticas pelas quais o país passava.

Conforme os aparelhos televisores foram se disseminando pelos lares brasileiros e o gênero foi ganhando mais audiência, as emissoras fizeram da telenovela um programa diário, com o objetivo de fidelizar o público. Em 1963, estreava a primeira telenovela inserida neste novo modelo, “2-5499 Ocupado”, exibida pela TV Excelsior. Esse esquema só foi possível graças ao surgimento do videoteipe, que permitiu não apenas a produção da telenovela diária, como também sua veiculação dentro de um esquema de “horizontalidade” dos programas. Afinal de contas, até então, todos os programas televisivos, inclusive as novelas, eram exibidos ao vivo. Com o VT tornou-se possível montar os cenários e, em apenas um dia, gravar todos os capítulos da novela e depois veiculá-los horizontalmente durante a semana. A audiência de “2-5499 Ocupado”, entretanto, foi bem abaixo do esperado, afinal o público demorou para se acostumar com o novo modelo de exibição das novelas. Porém, à medida a dona de casa foi introjetando em sua memória que todo dia era dia de novela, as telenovelas diárias logo começaram a marcar mais pontos de audiência.

O primeiro grande sucesso de público veio com “O Direito de Nascer”, exibida em 1965 pela TV Tupi, no horário nobre. O sucesso foi tamanho, que o gênero se tornaria programação obrigatória nas emissoras, elemento decisivo na distribuição dos horários e custos, além da principal responsável pela elevação dos índices de audiência. Conforme relata um cronista da “Revista do Rádio” em 1969:

Os senhores dirão que estamos exagerando, mas verdade é que as novelas em TV, por obra de não se sabe quê, viraram epidemia neste país. É uma doença agradável, que se contrai com prazer e alcança foros epidêmicos que ultrapassam a imaginação. Famílias inteiras se postam diante do televisor e acompanham, do neto ao

avô, aqueles episódios de folhetim eletrônico (ORTIZ *et al*, 1988: 62).

Assim, visando lucrar ainda mais, as TVs Tupi, Excelsior, Record e Globo começaram ainda a embutir de três a quatro novelas por dia, seis dias na semana.

Foi então que, numa tentativa de desbancar a concorrência, que estava cada vez mais acirrada, a direção da TV Tupi, de Assis Chateaubriand, foi reassumida por Cassiano Gabus Mendes, que decidiu experimentar a implementação de um modelo mais próximo à realidade dos brasileiros. “Antônio Maria”, de Geraldo Vietri, e “Beto Rockfeller”, de Bráulio Pedroso, novelas exibidas em 1968, foram marcos dessa nova fase (FERNANDES, 1994). Além de serem ambientadas na cidade de São Paulo e seus personagens não possuírem títulos de nobreza ou andarem em carruagens, e sim de ônibus, ambas trouxeram ainda diálogos mais ágeis e coloquiais, semelhantes à fala da vida cotidiana. Antonio Maria era um português, que apesar de trabalhar como chofer de uma família rica paulistana, ainda tinha, em Portugal, um pé na nobreza. Já Beto Rockfeller, o protagonista da segunda trama, representou uma inovação ainda maior ao introduzir a imagem de um anti-herói no papel principal. Distanciando-se do melodrama, cujos protagonistas eram sempre apresentados como homens de caráter firme, sensatos, absolutamente honestos e capazes de qualquer proeza para salvar a sua amada das adversidades, Beto, interpretado por Luis Gustavo, era um representante da classe média baixa, que trabalhava como vendedor em uma loja de sapatos da Rua Teodoro Sampaio. Com sua esperteza, perspicácia e malandragem, ele se transforma em Beto Rockfeller, primo em terceiro grau de um magnata norte-americano, e consegue penetrar na alta sociedade, através de sua namorada rica, Lu (Débora Duarte). Seu caminho, na busca incessante pelo “golpe do baú”, desdobra-se numa teia de casos amorosos, marcados por muitas infidelidades.

Devido ao sucesso de “Beto Rockfeller”, a telenovela passou por um profundo processo de modernização durante os anos de 1970 e 80. As novas tramas trouxeram identificação e cada vez mais interesse por parte dos telespectadores, visto que se aproximavam da sua realidade. Assim, como aponta Liana Fernandes (2005:18):

A partir dos anos 70, as telenovelas passaram a provocar debates críticos sobre as condições históricas e sociais vividas pelos personagens e próximos ao ambiente social de seu tempo; propondo dramas familiares e inovações universais da condição humana e abordando fatos políticos e culturais significativos.

As alterações do padrão ficcional deste período estão combinadas também com acomodações nas preferências do público em relação ao gênero. As adaptações literárias passaram a ocupar preferencialmente o horário das 18h (ORTIZ, 1988), e surgiu ainda uma nova vertente dramatúrgica, a novela-comédia, cujo sucesso imediato praticamente reorientaria a programação no horário das 19h. Além disso, nos afastamos da telenovela concebida como “coisa de mulher”, tradição que havia se consolidado desde os tempos da radionovela.

2.3. As novelas da TV Globo

A TV Globo foi inaugurada no dia 26 de abril de 1965. O relógio marcava 11 horas e 35 minutos, quando a TV Globo, canal 4, entrou no ar pela primeira vez, no Rio de Janeiro, ao som do Hino Nacional. O primeiro a aparecer na tela do novo canal foi o diretor geral da emissora, Rubens Amaral, ao qual foi designada a missão de transmitir aos telespectadores a mensagem de Roberto Marinho. “É com orgulho que entregamos à cidade do Rio de Janeiro a TV Globo. Eis o Canal 4. Vamos todos participar do seu começo”, convocou o diretor (MAIOR, 2006:20). Era a “deixa” para entrarem em cena Tia Fernanda e seus alunos, personagens do primeiro programa exibido pela Globo: o infantil “Uni-Duni-Tê”. Durante os primeiros seis anos da emissora, todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, lá estava a professora Fernanda Barbosa Teixeira e seus alunos, sentados em carteiras escolares de madeira, estudando, brincando e rezando. Na hora do lanche, tomavam um revigorante copo de leite, para reforçarem as energias e continuarem a aprender.

Apesar de novata no mercado televisivo, a família Marinho já era bastante conhecida nos meios de comunicação do Rio de Janeiro. Desde 1911, quando Irineu Marinho fundou o jornal “A Noite”, a família se estabeleceu na imprensa carioca. O sucesso do vespertino levou o jornalista à criação do jornal “O Globo”, em julho 1925, dois meses antes de sua morte. Quem assumiu a direção do jornal foi Eurycles de Mattos, uma vez que, à época, Roberto, filho mais velho de Irineu, tinha apenas 21 anos e não se considerava experiente o suficiente para ocupar o cargo. Contudo, com a morte de Eurycles de Mattos, em 1931, Roberto Marinho ocuparia definitivamente a posição de diretor-redator-chefe, aos 26 anos. Sob sua gerência, foram fundadas ainda

a Rádio Globo, em dezembro de 1944, e a Rio Gráfica e Editora, em maio de 1952. Responsável pela impressão e distribuição de livros de bolso e revistas, esta passaria a se chamar Editora Globo, em 1986.¹ Assim, a inauguração da TV Globo em abril de 1965, no Rio de Janeiro, e no mês seguinte em São Paulo, após a aquisição da TV Paulista, somente fortaleceria a presença da família Marinho na imprensa brasileira.

Embora a TV Globo só tenha entrado no ar pela primeira vez em 1965, Roberto Marinho requisitara o pedido de concessão de um canal de televisão 14 anos antes. A primeira concessão foi requerida oficialmente pela Rádio Globo no dia 5 de janeiro de 1951, ainda durante o governo de Eurico Gaspar Dutra. Este pedido foi analisado pela Comissão Técnica de Rádio, que emitiu um parecer favorável à concessão. Esta, porém, só foi aprovada pelo governo, em julho de 1957, durante a presidência de Juscelino Kubitschek. Assim, em dezembro daquele ano, o Conselho Nacional de Telecomunicações publicou um decreto, cedendo o canal 4 do Rio de Janeiro à Rádio Globo. Durante os anos que se seguiram até a inauguração, a nova emissora de televisão foi preparada e planejada para entrar em um mercado que já existia no Brasil há 15 anos. Marcada por uma alta qualidade técnica, mas também por escândalos e uma baixa audiência, em seus primeiros anos, a TV Globo sofreu com a concorrência que já fazia televisão há anos e que, àquela altura, já conquistara o telespectador com as telenovelas.

Em julho de 1962, um acordo firmado entre a TV Globo e o grupo de mídia norte-americano *Time-Life*, envolveria a emissora em uma das maiores polêmicas de sua história. A parceria é questionada até hoje por ter envolvido capital estrangeiro na gestão de uma empresa de comunicação brasileira, o que à época era proibido por lei. O acordo se tornaria escândalo político dois meses depois da inauguração da TV Globo, quando Carlos Lacerda, denunciaria como ilegais as relações da emissora com o grupo *Time-Life*. Segundo o então governador da Guanabara, a parceria feria o artigo 160 da Constituição vigente (de 1946), segundo o qual:

Art. 160 – É vedada a propriedade de empresas jornalísticas, sejam políticas ou simplesmente noticiosas, assim como a de radiodifusão, a sociedades anônimas por ações ao portador e a estrangeiros. Nem esses, nem pessoas jurídicas, excetuando os Partidos Políticos nacionais, poderão ser acionistas de sociedades anônimas proprietárias dessas empresas. A brasileiros (art. 129 n^{os} I e II)

¹Informações obtidas no site Memória Globo (www.memoriaglobo.globo.com), na sessão intitulada “Biografia Roberto Marinho”. Acessado em 24/02/2014.

cabará, exclusivamente, a responsabilidade principal delas e a sua orientação intelectual e administrativa.²

Em junho de 1965, o Contel (Conselho Nacional de Telecomunicações) abriu um processo para investigar o caso e, paralelamente, em outubro do mesmo ano, o deputado Eurico de Oliveira apresentou um requerimento à Câmara pedindo a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Durante o processo de investigação, que durou até outubro de 1966, Roberto Marinho foi intimado a depor, a fim de esclarecer a real função da *Time* na empresa brasileira. Em seu depoimento, o presidente das Organizações Globo explicou aos congressistas que o acordo firmado com o grupo norte-americano previa dois contratos: um de assistência técnica, segundo o qual a *Time* se comprometia a assegurar o treinamento da equipe da emissora nas especialidades necessárias para a operação técnica, além de enviar à TV Globo, na qualidade de assessor de diretoria, pessoa capacitada no campo da contabilidade³; e uma conta de financiamento, através da qual o grupo *Time-Life* repassou, por adiantamento, a quantia de US\$ 6 milhões mediante a assinatura de uma promissória, garantindo à TV Globo recursos para investir em instalações e equipamentos. Em contrapartida, a emissora pagaria um aluguel baseado nos lucros, retorno este que quase nunca acontecia, visto que durante os anos de vigência do contrato, a TV Globo quase não teve lucros. Em uma entrevista concedida à revista “Trip” em agosto de 2008, Joe Wallach, o funcionário enviado pela *Time-Life*, esclareceu:

O acordo feito foi de locação. A Time-Life pagou para comprar prédios e instalações, e aí a Globo pagou um aluguel baseado no lucro, que nunca aconteceu. Porque a Globo nunca tinha lucro, então nunca deu nada [*risos*]. Mas foi baseado em 45% do lucro.⁴

² Título V, Art. 160 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm . Acessado em 24/02/2014.

³ Disponível em “Caso Time-Life”, no site www.memoriaglobo.globo.com. Acessado em 25/02/2014.

⁴ WERNECK, Guilherme. “Entrevista com Joe Wallach”. Revista Trip, número 169, edição de agosto de 2008. Disponível no site da revista <http://revistatrip.uol.com.br/revista/169/paginas-negras/joe-wallach/page-1.html> . Acessado em 25/02/2014.

Roberto Marinho negou a existência de qualquer ingerência intelectual da *Time* na TV Globo, frisando que, conforme previsto contratualmente, a contribuição financeira não conferia ao *Time-Life* nem o direito de possuir ações de capital da TV Globo, nem de interferir direta ou indiretamente na direção ou administração da emissora.⁵

Ao final das investigações, a comissão deu um parecer desfavorável à TV Globo, alegando que a empresa norte-americana estaria participando de sua orientação intelectual e administrativa e que, portanto, a parceria de fato feria a Constituição. Como consequência, o acordo teve que ser desfeito. Roberto Marinho encerrou o contrato de assistência técnica com o *Time-Life* e, através de empréstimos tomados em bancos nacionais, ressarciu o grupo americano do dinheiro desembolsado.

Mais do que um caso que movimentou o cenário político da década de 1960, o acordo *Time-Life* constitui um capítulo importante da história da TV Globo, pois representou uma das grandes alavancas para a ascensão da emissora à liderança. Com o término do contrato em julho de 1971, ela já tinha *know-how* televisivo suficiente para caminhar sozinha e enfrentar a concorrência, afinal, como explicita Amanda Wanderley Santos:

Enquanto funcionava com padrões aprendidos durante a parceria com a *Time-Life*, as outras emissoras funcionavam segundo padrões amadorísticos e atuavam com esquemas organizacionais improvisados, reproduzindo ainda os modelos vigentes no sistema radiofônico (SANTOS, 2010:15).

Apesar de toda a sua qualidade técnica, a TV Globo demorou para conquistar a audiência que já estava acostumada a assistir a outros canais. Em 1965, ano de sua criação, a emissora que liderava o mercado televisivo carioca era a TV Tupi, de Assis Chateaubriand, seguida de perto pela TV Excelsior. Foi uma enchente no Rio de Janeiro, em janeiro de 1966, que ajudou a emissora de Roberto Marinho a reverter esse quadro. Sua ousadia na cobertura jornalística dessa tragédia natural, levando as câmeras para fora dos estúdios e mostrando ao vivo o desespero das pessoas que haviam perdido suas casas e seus familiares, chamou a atenção do público. A direção da TV Globo criou ainda uma campanha de solidariedade aos desabrigados,

⁵ Disponível em “Caso *Time-Life*”, no site www.memoriaglobo.globo.com. Acessado em 25/02/2014.

transformando a emissora na voz que lutava pela recuperação da cidade e conquistando a população carioca, até então dividida entre as tevês Tupi, Rio e Excelsior. Segundo Joe Wallach, esse episódio foi preponderante para que a Globo ganhasse os telespectadores:

Walter [Clark] parou a estação completamente. Colocou as câmeras no pátio, na rua Von Martius [na Gávea], e mostrou as pessoas lá no morro, as casinhas caindo, aquela água toda, porque lá perto virou um rio, e nós não pudemos sair da estação por três dias. Nessa época ninguém fazia externa, e o povo começou a assistir. Walter tinha pedido assistência para os coitados nas favelas, daí as pessoas começaram a chegar à Globo com roupas e mantimentos. Daí o povo começou a sentir simpatia pela Globo, e a audiência começou a subir.⁶

As primeiras telenovelas da Globo apostaram na fórmula que havia dado certo anos antes no rádio: textos importados e adaptações distantes da realidade brasileira. Em 1965, Walter Clark, diretor geral da emissora, convidou a novelista cubana Glória Magadan para assumir o recém-criado departamento de telenovelas da Globo. Glória deixou então a *Colgate-Palmolive*, onde era a responsável pelas novelas patrocinadas pela empresa, e passou a dar as cartas na dramaturgia da emissora de Roberto Marinho. Sua estreia à frente deste departamento foi marcada por “Paixão de Outono”, novela estrelada por Yara Lins, Walter Forster e Rosita Thomas Lopes. Conhecida à época como “rainha da telenovela”, Magadan imprimia um estilo melodramático, privilegiando tramas de capa e espada, romanticamente fantasiosas e, em geral, ambientadas em longínquos cenários⁷. Como descreve Ismael Fernandes:

O estilo Magadan recheava os lares brasileiros de condes, duques, ciganos, vilãs sem qualquer lógica, mocinhas ingênuas e galãs totalmente comprometidos com a bondade. Um estilo que só faz embrutecer o gosto popular e serviu de entrave às investidas modernizadoras dos autores nacionais. Mas a inquietação era flagrante. Muitos autores cobravam de “La Magadan” um posicionamento mais coerente com o Brasil e sua gente. Ela respondia que o brasileiro não era povo para lhe sugerir dramas e novelas (FERNANDES, 1994:67).

⁶ WERNECK, Guilherme. “Entrevista com Joe Wallach”. Revista Trip, número 169, edição de agosto de 2008. Disponível no site da revista <http://revistatrip.uol.com.br/revista/169/paginas-negras/joe-wallach/page-1.html>. Acessado em 25/02/2014.

⁷ Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-magadan.htm>. Acessado em 26/02/2014.

Seguiram essa linha “Eu Compro Esta Mulher” (1966), baseada no romance “O Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas; “A Sombra de Rebecca” (1967), inspirada na ópera “Madame Butterfly”, de Giacomo Puccini, e no romance “Rebecca”, de Daphne Du Maurier; e “A Rainha Louca” (1967), primeira novela dirigida por Daniel Filho.⁸ Entretanto, os sucessos de “Antônio Maria” e “Beto Rockfeller”, em 1968, demonstrando que aproximar as narrativas da realidade vivida pelos brasileiros não apenas funcionava, como também atraía audiência, mudariam este cenário. Percebendo que a modernização agradava ao público, a TV Globo tratou de se adequar às novas tendências buscando narrativas que mostrassem histórias nacionais, com traços mais realísticos. O cargo de produtor geral de teledramaturgia da emissora foi assumido por Daniel Filho, que modernizou as tramas e deu mais agilidade a elas. Era o início do fim do melodrama latino e do modelo capa e espada tão presente nas novelas de Magadan.

Em 1969, a criação do sistema de transmissão via microondas da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), permitiu a formação da primeira rede brasileira de televisão. A Rede Globo era constituída pela união das TVs Globo do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e suas dezenas de emissoras afiliadas espalhadas pelo Brasil. O primeiro programa ser transmitido simultaneamente para diversas regiões do país foi o Jornal Nacional, naquele mesmo ano. A Rede Globo utilizaria o sistema Embratel até 1982, quando o substituiria pela transmissão via satélite, conferindo maior imediatismo e segurança nas transmissões.

A partir de então, cada passo dado pela emissora, buscava aprimorar o seu padrão de qualidade, unindo eficácia empresarial, competência técnica e sintonização com as necessidades e desejos do público. Para aprimorar ainda mais essa sintonia, foi criado, em 1972 – ano em que chegaram ao Brasil os primeiros televisores a cores –, o departamento de Análise e Pesquisa da TV Globo, cujo objetivo era analisar as opiniões e expectativas dos telespectadores quanto à sua programação. Em seu livro, *Telenovela: história e produção*, Renato Ortiz explicita que um setor de pesquisa bem articulado é fundamental para o sucesso de uma emissora:

⁸ Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/gloria-magadan.htm>. Acessado em 26/02/2014.

É em relação ao público que surgem as ações mais direcionadas dos que procuram controlar a telenovela, buscando não somente, como colocavam Adorno e Horkheimer, organizar os consumidores transformando-os em “material estatístico”, mas também extrair da recepção elementos qualitativos que ajudem a reelaborar e aperfeiçoar o produto. [...] Todo um trabalho de sondagens mais detalhadas foi incrementado na Globo nos anos 70 e 80, sob o comando de Homero Sanchez, que acompanhava um produto desde a análise da sinopse até sua exibição final. (ORTIZ, 1988:126)

Na opinião de Liba Frydman, esse foi um dos grandes trunfos da emissora na corrida pela liderança:

Ninguém usava pesquisa para saber o que estava errado em uma programação que não ia bem, quais eram as expectativas e desejos dos telespectadores em relação à programação de TV. A Globo passou, então, a usar pesquisa, não só para conhecer o seu consumidor e saber de sua posição diante do produto que estava oferecendo, mas também quais eram as suas necessidades não-atendidas em termos de entretenimento, informação jornalística, cultural e serviços de televisão. O resultado desse método de trabalho foi a possibilidade de fazer o melhor produto, em termos de mercado, da televisão brasileira (FRYDMAN *apud* MELO, 1988:18).

Para agir antes da queda da audiência, a Rede Globo desenvolveu um mecanismo qualitativo de pesquisa utilizado até hoje: as *group discussions*. Nelas, um grupo de mulheres é colocado numa sala na presença de um moderador para apontar suas impressões sobre a novela, sejam boas ou más, e passar também seus palpites. Em uma palestra, o novelista Walter Negrão afirmou:

Muitos personagens foram modificados, muitas histórias modificadas, desviadas, a partir da expectativa ou até da criação dessas mulheres que nós autores vemos através de um espelho falso, para não constrangê-las e para que elas possam falar tudo, sem saber que estão falando na cara do autor (NEGRÃO *apud* LOPES, 2004: 212).

Ainda na década de 1970, foram feitas algumas mudanças também no departamento comercial com a criação da Central Globo de Comercialização e da extinção do patrocinador único, por Walter Clark. Em comparação com o modelo antigo, consolidado desde os tempos da radionovela e que dava ao anunciante o direito de interferir na concepção e produção das novelas, o novo garantia maior autonomia. Clark passou então a negociar intervalos comerciais, o que aumentou

também a lucratividade da empresa. No final da década de 1980, intervalos comerciais de cerca de 30 segundos no horário nobre, por exemplo, podiam chegar a custar US\$ 19.800 (ORTIZ *et al*, 1988). Além disso, surgiu também o *merchandising* como uma forma eficaz de aumentar o faturamento, já que seu preço era cerca de 20% a 30% maior que um minuto de comercial. Com isso, a telenovela se tornou o produto mais rentável da televisão brasileira, visto que, em função do seu enorme sucesso, se tornou o foco dos anunciantes. A atração do público pelo universo ficcional que molda as telenovelas e a rentabilidade econômica são, portanto, os componentes para o sucesso do gênero (ORTIZ *et al*, 1988).

Em 1995, a Rede Globo consolida seu interesse em liderar o mercado de ficção televisiva no Brasil através de uma nova empreitada: a construção do Projac. Com uma área de 1,65 milhão de metros quadrados, a emissora deixou de ter que se preocupar com estúdios alugados e com cidades cenográficas construídas nos arredores do Rio de Janeiro, e passou a ter o maior parque industrial de ficção da América Latina, construído no bairro de Jacarepaguá. Sua grandiosidade permitiu que fossem transferidos para lá não apenas os estúdios, mas também as fábricas de cenário, figurinos, cidades cenográficas e toda a parte de entretenimento da emissora. Era o início de uma nova fase para a Rede Globo de Televisão e, principalmente, para as suas novelas.

3. HOMOSSEXUALIDADE NAS NOVELAS

Desde o fim do modelo capa e espada, as tramas das telenovelas passaram a veicular temáticas e questões mais próximas à realidade dos brasileiros, fossem elas regionais ou universais. À medida que os fatos da vida cotidiana começaram a povoar as narrativas, as novelas promoveram uma forte interação entre os planos da ficção e da realidade, gerando no espectador uma sensação de não-separação entre o que se passa na televisão e o que está do lado de fora dela. É importante lembrar que a televisão é o meio de comunicação de maior alcance no Brasil, e a telenovela, por sua vez, seu produto de maior sucesso não apenas no mercado interno, como também externo. Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2012, o número de domicílios que possuem televisões no país corresponde a 97,2%, superando o rádio, presente em 80,9%, e o microcomputador, presente em apenas 46,4%.⁹ Sendo assim, por assumir uma função jornalística de informar e alertar a população através de suas narrativas, pode-se dizer que a telenovela possui funções pedagógicas, educadoras, modernizantes e até morais (FERNANDES, 2005). Como aponta Liana Fernandes:

Apesar de seu formato padronizado de produção e de narrativa – literatura de mercado –, a telenovela aproveita a atualidade, dialoga com a sociedade e informa, construindo padrões do “bem” e do “mal” de forma semelhante aos folhetins (FERNANDES, 2005:17).

Nesse cenário, as telenovelas passaram a abordar uma temática que vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade e na mídia: a homossexualidade. A representação do gay nos programas de ficção televisiva, entretanto, assumiu formas variadas ao longo dos anos. Muitas vezes, esses retratos vieram carregados de uma visão estereotipada e cheia de preconceitos, imagens que dificultaram a aquisição de uma identidade gay positiva. Afinal, por ser a televisão a única fonte de entretenimento, mas também de informação e aprendizado de grande parte da população brasileira, a forma como ela representa os homossexuais pode determinar a

⁹ NITAHARA, Akemi. “Número de domicílios no país cresce mais do que a população”. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09-27/numero-de-domicilios-no-pais-cresce-mais-do-que-populacao>. Acessado em 06/03/2014.

maneira como a população verá esses indivíduos, assim como os rumos que o debate sobre o tema tomará na sociedade.

A temática gay ainda está longe de ser um consenso entre a população, devido ao preconceito e à discriminação existentes no país e no mundo. Uma matéria publicada pelo jornal “O Globo” no dia 16/02/2014, informa que muitos países do continente Africano possuem leis específicas para punir os homossexuais. No final de 2013, o Parlamento de Uganda, por exemplo, aprovou a punição a este segmento da população com prisão perpétua. Um mês depois, na Nigéria, onde atos homossexuais são considerados crimes passíveis de pena de morte, o presidente Goodluck Jonathan sancionou a proibição do casamento gay e da defesa dos direitos LGBT. Ao todo, são 38 países africanos nos quais não ser heterossexual dá cadeia e 4 – Mauritânia, Somália, Sudão e Nigéria – em que a pena de morte é prevista por lei.

No Brasil, a união estável homoafetiva é considerada legal desde maio de 2011. Dois anos depois, em maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução que autorizou o casamento entre pessoas do mesmo sexo em todo o território brasileiro, obrigando todos os cartórios a converterem as uniões estáveis homoafetivas em casamentos civis.¹⁰ Diante deste cenário, muitos autores têm se empenhado em retratar uniões deste tipo em suas novelas. O romancista Sílvia de Abreu pondera que é preciso “fazer a sociedade entender, de uma vez por todas, que o amor entre homossexuais é uma opção legítima de afeto e merece todo o nosso respeito”.¹¹ Assim, muitos programas de ficção televisiva passaram a dar voz à luta pelos direitos LGBT, contribuindo para a criação de uma identidade gay positiva e maior aceitação das diferenças. Como aponta o ator e roteirista Felipe Cabral:

Na teledramaturgia, desde a década de 1960, gays são apresentados como mordomos, cabeleireiros, bailarinos e assassinos passionais. Só a partir da década de 80 isso vai mudar, como em “Vale Tudo”, com o casal Cecília e Laís, em “A Próxima Vítima”, com Sandrinho e Jefferson, e outros exemplos (CABRAL, 2007:14).

¹⁰ “Direitos Homossexuais: a trajetória do preconceito”. Disponível em <http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/direitos-homossexuais/>. Acessado em 03/01/2014.

¹¹ LETTIERE, Giovant. “Casais gays ganham lugar cativo no horário nobre da TV transformando tabu em tradição”, 2007. *OGloboOnline*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/02/16/294610854.asp>. Acessado em 07/03/2014.

A representação homossexual na televisão, entretanto, teve características muito distintas desde que os primeiros gays começaram a brotar nas novelas. Até assumirem as feições vistas hoje em dia, foram muitos os personagens gays retratados de maneira completamente estereotipada e vazia de sentimentos.

3.1. Os primeiros gays das novelas

Muitos autores afirmam ser difícil pontuar com precisão quando surgiu o primeiro personagem gay na televisão brasileira, visto que eles existiam – de maneira velada – desde os tempos do teleteatro ao vivo, na década de 50 (CABRAL, 2007). Contudo, de acordo com *Dicionário da TV Globo* e com o professor Mauro Alencar, doutor em telenovelas pela USP, a primeira novela a ter um personagem homossexual foi “Assim na Terra como no Céu”, escrita por Dias Gomes e exibida entre julho de 1970 e março de 1971. Interpretado por Ary Fontoura, o costureiro Rodolfo Augusto – o Gugu –, era um gay caricaturado.¹² A história girava em torno do assassinato da jovem Nívea, interpretada por Renata Sorrah, morta no começo da trama. Embora sua morte não tenha agradado os telespectadores, o suspense ficou no ar até o último capítulo, quando foi revelado o nome do assassino: Mariozinho, personagem de Osmar Prado. Dentre os nomes que compunham a lista de suspeitos também figurava o do costureiro Gugu (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003).

No ano seguinte, foi ao ar às 22h a primeira novela que apresentou um homem travestido de mulher. Em “O Bofe”, folhetim de Bráulio Pedroso que marcou a estreia de Lima Duarte como diretor na TV Globo, o ator Ziembienki interpretava D. Stanislava, mãe da protagonista Guiomar (Betty Faria). É importante frisar, entretanto, que a personagem não era um travesti e sim, um homem vestido de mulher. De origem russa, Stanislava Grotoviska vivia se embebedando de xarope e sonhava com um príncipe trapezista (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003). Sobre o título da novela, Felipe Cabral faz uma observação:

¹² LETTIERE, Giovant. “Casais gays ganham lugar cativo no horário nobre da TV transformando tabu em tradição”, 2007. *OGloboOnline*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/02/16/294610854.asp>. Acessado em 07/03/2014.

Curiosamente, o nome da novela indicaria que ela abordou o mundo homossexual, já que é uma gíria que se tornou popular entre os gays que usam-na para designar um homem atraente e bonito. Mas na época de sua exibição, “bofe” significava um homem grosseiro, desleixado, mal educado. Nada mais do que uma alusão ao personagem de Jardel Filho na trama (CABRAL, 2007:21).

Dois anos mais tarde, em 1974, Ziembinski de fato interpretaria um homossexual: o enrustido banqueiro Conrad Mahler, protagonista de “O Rebu”, também escrita por Bráulio Pedroso. Com perfil de romance policial, a trama girava em torno de uma festa, organizada pelo banqueiro em sua mansão no Alto da Boa Vista, bairro do Rio de Janeiro, para recepcionar a princesa italiana Olympia Compagni (Marília Branco). A celebração termina com um corpo boiando morto na piscina e o público sem saber quem foi assassinado. Exibida às 22h, horário reservado para experimentações na TV Globo, “O Rebu” apresentava uma linguagem inovadora, pois as cenas não possuíam uma ordem cronológica. Os 112 capítulos aconteceram em dois dias: o dia do evento e o seguinte, no qual ocorreram as investigações sobre o crime. Sendo assim, a ação alternava entre investigações policiais, os diversos acontecimentos da festa e flashbacks dos personagens. O folhetim inovou ainda ao inserir na cabeça dos telespectadores a pergunta “quem morreu?”, pois o público ficou sem saber quem foi a vítima até o capítulo 50, quando uma tomada submarina revelou que o corpo era de Sílvia, personagem de Bete Mendes. O figurino de Sílvia, vestida em trajes masculinos na noite da festa, serviu para despistar ainda mais os telespectadores sobre quem fora assassinado.

O suspense de quem havia cometido o crime durou até o último capítulo, quando descobriu-se que o assassino foi o próprio anfitrião, que matou a moça por ciúmes do seu namoro com Cauê (Buza Ferraz), um jovem carioca que vivia sob sua proteção e com quem ele mantinha um caso. “O Rebu” é considerada a primeira novela da dramaturgia brasileira a apresentar um casal gay, Conrad e Cauê, que ao contrário de Rodolfo Augusto, não possuíam trejeitos afetados, pelo contrário, eram bastante discretos. Um remake da novela, gravado em apenas 37 capítulos, está previsto para estrear em julho na Rede Globo, na faixa das 23h.¹³

¹³ “Remake de ‘O Rebu’ começa a ser gravado em abril na Argentina”. Disponível em <http://natelinha.ne10.uol.com.br/novelas/2014/03/15/remake-de-o-rebu-comeca-a-ser-gravado-em-abril-na-argentina-72652.php>. Acessado em 01/04/2014.

Segundo o professor Leandro Colling, doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, durante os anos 70, muitas novelas relacionaram homossexualidade e criminalidade (COLLING, 2007). Em seu livro *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*, Adriana Nunan concorda. De acordo com ela, nos trinta primeiros anos da televisão brasileira os homossexuais tinham o perfil de violentos ou efeminados. Matérias jornalísticas em que um gay cometeu um crime excepcional auxiliavam na criação do preconceito de que todo homossexual era um criminoso (2003).

Outro folhetim que ligou homossexualidade e criminalidade foi “O Astro”, de Janete Clair, exibido às 20h, em que o cabeleireiro gay Henri (José Luis Rodi) colaborou com o assassinato de Salomão Hayalla, cometido por um amigo pelo qual nutria interesses sexuais (COLLING, 2007).

Em “Dancin’ Days” (1978), apesar de não ter cometido nenhum crime, Everaldo (Renato Pedrosa) era um afetado mordomo que ajudava a patroa Yolanda (Joana Fomm) em suas maldades. Exibida às 20h, a novela de Gilberto Braga é considerada um marco na história da telenovela brasileira, não apenas pela audiência espetacular, mas também pela influência que exerceu sobre os hábitos de consumo do público. “Dancin’ Days” lançou diversos modismos como as meias coloridas de lurex, usadas pela personagem de Sônia Braga, que viraram febre entre as mulheres. Além delas, a novela promoveu ainda outros produtos como a água-de-colônia e boneca Pepa, companheira inseparável da personagem Carminha, vivida por Pepita Rodrigues. A fábrica chegou a vender 400 mil unidades da boneca (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003). O tema de abertura, composto por Nelson Motta e Ruben Barra e que levava o mesmo nome que a novela, foi gravado pelo grupo Frenéticas e se tornou um enorme sucesso.

Em 1978, surgiram ainda as primeiras iniciativas do movimento homossexual no Brasil como, por exemplo, o “Lampião da Esquina”, jornal coordenado por Aguinaldo Silva e considerado o primeiro veículo de ampla circulação dirigido ao público gay. Além de ser um dos pioneiros no tratamento aberto da questão da homossexualidade, o “Lampião” também dava voz a outros grupos discriminados socialmente como os negros e índios. Na página de apresentação da edição zero do jornal, publicada em abril de 1978, o conselho editorial mostrava que um de seus objetivos principais era quebrar os estereótipos aos quais os homossexuais estavam vinculados:

O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, [...] Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. [...] O que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.¹⁴

Em sua tese de doutorado, *Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*, José Luis Pinto Rodrigues descreve a importância do jornal, criado durante a abertura política dos anos 1970, período em que houve um abrandamento da censura promovida pelo regime militar:

No fim da década de 1970, um grupo de intelectuais assumidamente gays, dentre eles o próprio [João Silvério] Trevisan, valendo-se do arrefecimento da repressão política brasileira, lança aquele que é considerado o primeiro veículo de ampla circulação dirigido ao público homossexual – o “Lampião da Esquina”. [...] Com seus textos longos e compridos em letras pequenas, que só não atrapalhavam mais a leitura porque a vontade de lê-los era maior do que a crítica que podíamos fazer na época, o “Lampião da Esquina” iniciava um novo capítulo para a história da construção e da afirmação de uma identidade gay no Brasil (RODRIGUES, 2007:66).

Editado pela última vez em julho de 1981, o periódico deixou sua reflexão e militância aos movimentos que surgiram após a sua criação como, por exemplo, o “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual”, primeira organização brasileira em favor dos direitos gays, criada também em 1978, em São Paulo.

Formado por estudantes, artistas e intelectuais, o grupo tinha o objetivo de trazer ao Brasil do final do Regime Militar, as discussões sobre sexualidade que já há algum tempo existiam nos EUA e na Europa. Os membros do “Somos” queriam tornar a homossexualidade algo visível à sociedade brasileira, vista à época como

¹⁴ O site do grupo dignidade possui uma sessão na qual estão disponíveis para download as 38 edições do jornal. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>. Acessado em 07/03/2014.

conservadora e preconceituosa. José Luis Pinto Rodrigues afirma que o “Lampião da Esquina” impulsionou a criação do grupo:

Pode-se dizer que o lançamento do jornal, em abril de 1978, fortaleceu a ação de alguns rapazes de São Paulo que organizavam um grupo que se tornaria responsável por consolidar o movimento homossexual no Brasil – o grupo “Somos” (RODRIGUES, 2007:66).

Logo após a criação do “Somos”, começaram a brotar no Brasil outros movimentos similares como o Grupo Gay da Bahia (GGB), fundado em 1980 pelo antropólogo Luiz Mott. A iniciativa de criar um grupo para lutar pela livre expressão da sexualidade, veio no final dos anos 70, quando, pouco depois de se mudar para Salvador, Mott foi agredido por um morador de rua, no Farol da Barra, por estar de mãos dadas com o seu namorado.¹⁵ Segundo Mott, desde a sua origem, o GGB tinha como objetivos principais lutar contra qualquer manifestação de homofobia, divulgar informações corretas sobre homossexualidade e mobilizar a comunidade LGBT para defender a sua cidadania plena.

Desde sua fundação, o GGB foi protagonista das mais importantes conquistas do movimento LGBT nacional: liderou em 1985 a campanha nacional que retirou o “homossexualismo” da condição de desvio e transtorno sexual; foi a primeira ONG/LGBT a se registrar como entidade civil e obter o status de utilidade pública municipal; foi pioneira na prevenção da Aids e fundou diversas outras ONGs, como a Associação de Travestis de Salvador, o Grupo Lésbico da Bahia, o Quimbanda Dudu de Negros Gays, entre outras.¹⁶

A criação desses grupos provocou transformações significativas no trato da temática homossexual não apenas na mídia, como também no meio acadêmico. A partir dos anos 1980, os estudos sobre os homossexuais passaram a retratar este segmento não mais como uma patologia e sim, como uma forma de opção sexual. Além disso, começou a haver uma cobertura menos estereotipada por parte da

¹⁵ O site do GGB (<http://www.ggb.org.br/>) possui uma área denominada “Quem somos” que contém um breve perfil de Luiz Mott, presidente e fundador do grupo.

¹⁶ “Entrevista: Luiz Mott fala sobre homofobia, direitos LGBT e Marco Feliciano na CDHM”. Disponível em <http://www.ggb.org.br/luiz%20mott%20entrevista%20passageiro%20d%20mundo%202013.html>. Acessado em 09/04/2014.

imprensa tradicional e surgiram cada vez mais publicações voltadas exclusivamente ao público gay, como o “Entender”, “Gay Society” e “Mundo Gay” (CABRAL, 2007).

Mas o afloramento do movimento gay no Brasil não trouxe apenas consequências positivas. Se até então o público e a censura não tinham se incomodado com a presença dos gays nas tramas, esse cenário vai mudar com “Os Gigantes”, folhetim de Lauro Cesar Muniz, que vai ao ar em 1979. A história girava em torno da jornalista Paloma Gurgel (Dina Sfat) que após passar um longo período fora do país, trabalhando como correspondente internacional, volta ao Brasil e encontra seu irmão gêmeo Fred (João Batista), em coma profundo no hospital, sobrevivendo com o auxílio de aparelhos. Angustiado por ver o irmão naquele estado, Paloma desliga um dos aparelhos e acaba sendo acusada pela cunhada Veridiana (Susana Vieira) de praticar eutanásia. A trama insinuava ainda um interesse homossexual entre as personagens de Dina Sfat e Lídia Brondi, o que sofreu rejeição por parte do público, que considerou as temáticas – a homossexualidade feminina e a eutanásia – inadequadas para uma novela. Como a censura proibiu o tema, Paloma acabou se suicidando, sendo esse o primeiro de muitos casos em que um personagem gay foi afastado ou morto de uma novela por não agradar a audiência.

3.2. Anos 80: a AIDS e a censura

Durante a década de 1980, o surgimento da AIDS alavancou o crescimento do movimento homossexual no Brasil e no mundo. Além da criação de novos grupos, muitos militantes antigos mudaram o foco de sua luta – o ativismo focado na afirmação da identidade gay – e se voltaram para o combate à doença. A crise da AIDS proporcionou ao movimento melhores relações com o governo brasileiro, que se uniu a muitos grupos para combater o vírus HIV. Como relata Felipe Cabral:

A AIDS suscitou uma discussão que foi além da doença em si. Escolas, Igrejas, a mídia, famílias e governos tiveram de discutir a sexualidade humana de forma aberta. Nunca havia se discutido tanto sobre a homossexualidade. O que o movimento gay não conseguira em seu período de existência, o vírus fez em poucos anos (CABRAL, 2007:26).

A doença acabou trazendo uma visibilidade aos homossexuais que eles não tinham antes. Muitos gays começaram não apenas a veicular informações sobre um “sexo seguro”, mas também a ter uma vida sexual menos ativa e a lutar contra a discriminação. Entretanto, esse foco veio carregado também de preconceitos, por exemplo, o do comportamento promíscuo dos homossexuais. Como o número de gays infectados pelo vírus era maior, a AIDS ficou estigmatizada como “doença homossexual” ou “peste gay”.

Mesmo com a doença sendo debatida em todo o país e com a homossexualidade em pauta, nos anos 80, muitas novelas sofreram nas mãos da censura, que queria a todo custo evitar a abordagem dessa temática. Em “Brilhante”, folhetim de Gilberto Braga exibido em 1982 às 20h, Inácio (Dennis Carvalho) é um homossexual enrustido, que luta contra o casamento forçado que sua mãe, a empresária Chica Newman (Fernanda Montenegro), quer lhe impor. Ao contrário do advogado Mário Liberato (Cecil Thiré) em “Roda de Fogo”, sucesso de Lauro Cesar Muniz exibido em 1986, cuja construção era muito estereotipada, Inácio era muito discreto, caso contrário seria cortado pela censura. Em ambas as novelas, diálogos nos quais incidia a palavra “homossexual” foram cortados. No *Dicionário da TV Globo*, Gilberto Braga observa que isso dificultou muito o desenvolvimento da trama, já que Inácio estava envolvido em um dos eixos centrais do folhetim. O autor conta que, certa vez, Fernanda Montenegro queria que ele autorizasse o emprego do termo, mas ele sabia que assim a cena seria cortada. Para tentar driblar a censura, o autor tentou então outra estratégia. Em um diálogo com Luísa, vivida por Vera Fisher, Chica Newman mencionou “os problemas sexuais de seu filho” e a frase não foi censurada (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003). Em “Roda de Fogo”, além de cortar os diálogos, a censura fez uma pressão que acabou ocasionando a morte do mordomo Jacinto (Claudio Curi), com quem o vilão Mario Liberato tinha um flerte.

Luiz Eduardo Peret afirma que “Brilhante” merece destaque pela forma particular como a novela tratou a questão da sexualidade:

O discurso social da homossexualidade foi mais descrito do que mostrado – nenhum dos personagens gays tinha qualquer característica visual de obviedade, fosse através de gestual, linguajar ou vestuário. Era preciso prestar atenção aos diálogos para se perceber o que estava acontecendo e até um determinado ponto da primeira fase da trama, muitos telespectadores acreditavam que Inácio fosse alcoólatra, estéril ou impotente, devido ao fato de ele

beber muito e envergonhar a família em eventos diante da alta sociedade, sempre mencionando a “hipocrisia” com que as coisas eram tratadas, e por sua mãe se referir uma vez e somente por alto ao “problema sexual” dele (PERET *apud* COLLING, 2007:9).

Em “Mandala”, de Dias Gomes, as proibições foram ainda maiores. A novela chegou a ter sua sinopse original vetada pela censura Federal, em 1987, por tratar de temas considerados impróprios para o horário das 20 horas, como o uso de drogas, a bissexualidade e o incesto. A veiculação só foi liberada depois que a Rede Globo se comprometeu a fazer mudanças no roteiro original (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003).

Um dos maiores sucessos da história das telenovelas brasileiras, “Vale Tudo”, de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, também enfrentou problemas com a censura. Veiculada no horário das 20h, a novela tratou de forma direta questões sociais como a ética, a honestidade e o drama do alcoolismo. Além disso, foi o primeiro folhetim a mostrar de forma explícita a homossexualidade feminina. Muitos diálogos entre o casal Cecília (Lala Deheizelin) e Laís (Cristina Prochaska) tiveram que ser reescritos depois que foi vetada a cena em que as duas contavam a Heleninha Roitman (Renata Sorrah) sobre os preconceitos de que eram vítimas em função do seu relacionamento (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003). As fortes pressões da censura levaram mais uma vez ao corte de um personagem gay numa novela: no capítulo 69, Cecília morre em um acidente de carro. No final da trama, Laís termina feliz ao lado de sua nova parceira, Marília, interpretada por Bia Seidl. Ao contrário de “Roda de Fogo” e outras novelas, em que personagens gays foram construídos com base na caricatura, as atrizes não recorreram ao estereótipo. Talvez por esse motivo, pela sinceridade e sensibilidade utilizada na construção, não tenham agradado ao público, que a essa altura parecia gostar apenas dos gays caricaturados.

“Vale Tudo” despertou ainda a curiosidade dos telespectadores, provocando-os a tentar desvendar quem matou a vilã Odete Roitman (Beatriz Segall), assassinada com um tiro no capítulo 193. O nome do assassino, no entanto, só foi revelado no último capítulo da novela. Na noite de 6 de janeiro de 1989, o Brasil parou para conhecer a identidade do verdadeiro assassino da vilã. Cinco finais diferentes foram escritos pelo autor Gilberto Braga, e os atores só souberam quem apertou o gatilho minutos antes da exibição do capítulo decisivo. Leila (Cássia Kiss Magro) disparou três tiros contra Odete por engano, pois seu alvo, na verdade, era Maria de Fátima

(Glória Pires), que – àquela altura do campeonato – tinha se tornado amante de Marco Aurélio (Reginaldo Faria), marido da assassina.

A novela foi exibida em mais de 30 países e chegou a ganhar uma adaptação hispânica, voltada para o público latino, que foi produzida pela Telemundo e co-produzida pela Rede Globo. “Vale Tudo” foi gravada em 2002, no Projac, com um elenco formado por atores de língua hispânica.

3.3 Anos 90: A narrativa da revelação

Nos anos 90, o movimento gay ganhou ainda mais expressividade, principalmente após o processo de redemocratização do país e um controle razoável da crise inicial da AIDS. Diversos grupos passaram então a buscar a ocupação do espaço político, através do uso da mídia. Em 1993, com o surgimento do “Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual” o movimento começou a girar em torno da construção de uma base política fundada em noções de identidades sexuais. Criado no Rio de Janeiro como uma organização não governamental sem fins lucrativos, o grupo “Arco-Íris” tinha como principal missão a promoção da qualidade de vida, dos direitos humanos e da cidadania ao público de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (GLBTT).

Leandro Colling aponta que a partir desta década a TV Globo começa a utilizar a chamada “narrativa de revelação” em muitas de suas novelas, ou seja, a presença dos homossexuais nas histórias apenas envolvia a suspeita de suas orientações, sendo esta confirmada somente próximo ou no final da trama (COLLING, 2007). Isso se tornou possível a partir do momento em que começaram a brotar nas novelas personagens com representações ditas “normais”, isto é, sem trejeitos, vestimentas ou linguajar que pudessem denunciar sua orientação sexual. O surgimento deste tipo de representação, entretanto, não eliminou a anterior. Ainda assim, muitas novelas apresentaram personagens gays fundados numa representação caricaturada, como por exemplo “Mico Preto” (1990), de Euclides Marinho, Leonor Bassèrese e Marcílio Moraes; “Pedra sobre Pedra” (1992), de Aguinaldo Silva; e “Explode Coração” (1995), de Glória Perez.

Em 1995, entretanto, foi ao ar “A Próxima Vítima”, folhetim de Sílvio de Abreu que contou com um dos casais gays mais importantes da teledramaturgia

brasileira. Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) eram dois jovens na fase de descoberta da sexualidade e do amor. Pela primeira vez, a homossexualidade masculina era tratada de forma tão séria, sem qualquer tipo de velação ou estereotipização, especialmente porque havia uma questão racial envolvida, já que Sandrinho era branco e Jefferson negro. Ao contrário de “Vale Tudo”, em que Cecília e Laís sofreram rejeição por parte do público, desta vez, o casal ganhou enorme aceitação, principalmente por que a atração entre ambos foi construída de maneira minuciosa e gradual. Inicialmente apresentados apenas como amigos, os rapazes foram descobrindo o amor aos poucos e, quando resolveram assumir seu romance, já tinham caído no gosto popular. Segundo, Maria Lourdes Motter, à época coordenadora de Pesquisa de Telenovelas da USP, o público passou a ter uma aceitação maior a personagens gays a partir dessa novela “graças à construção cuidadosa, à sensibilidade e à astúcia do autor, que levou o público a se afeiçoar a eles para só depois revelar o caráter homossexual da relação de ambos” (MOTTER *apud* CABRAL, 2007:43). Apesar da aceitação do público, não se pode dizer que o envolvimento dos dois não sofreu preconceitos ou gerou impacto na audiência. O ator André Gonçalves chegou a ser agredido na rua, por conta do papel.¹⁷ Além disso, o casal foi obrigado a enfrentar suas famílias, que não estavam de acordo com o namoro.

O mesmo sucesso dos personagens gays de “A Próxima Vítima” não se repetiria em “Torre de Babel”, também de Sílvio de Abreu, novela que revelaria que a homossexualidade feminina ainda era um tabu para a sociedade brasileira. Mais uma vez, personagens lésbicas seriam eliminadas da trama por não agradar a audiência. Na novela das 20h, exibida em 1998, Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer) formavam um casal gay bem resolvido e feliz. O romance, porém, gerou polêmica desde a semana de estreia da novela, quando foi ao ar uma cena que mostrava as duas tomando banho.¹⁸ Segundo o *Dicionário da TV Globo*, alguns telespectadores e a Igreja reagiram de forma negativa à novela, por causa das cenas de violência e da abordagem de temas considerados fortes como a homossexualidade, as drogas, a

¹⁷ NERY, Junior. “Os casais gays mais marcantes das novelas brasileiras”. Disponível em <http://www.identidadeg.com.br/2010/09/os-casais-gays-mais-marcantes-das.html>. Acessado em 12/03/2014.

¹⁸ LETTIERE, Giovani. “Romances gays já incomodaram nas novelas”. *O Globo Online*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/romances-gays-ja-incomodaram-nas-novelas-4214854>. Acessado em 12/03/2014.

infidelidade e a vingança. O então arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, chegou a classificar algumas novelas como “fontes dos males que nos afligem” (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003:258). Diante das críticas e de pressões da emissora para tentar reverter as baixas no Ibope, o autor acabou utilizando um acontecimento previsto na sinopse – a explosão do shopping center que dava nome à novela – para refazer a trama, eliminando os personagens que não tinham aceitação do público. Entre eles estavam não apenas o dependente químico Guilherme, interpretado por (Marcello Antony), mas também o casal Rafaela e Leila.

Silvio de Abreu nega que tenha havido rejeição. Segundo ele, a morte de Rafaela já estava prevista desde a sinopse inicial da novela e que a decisão de matar Leila também, veio com o intuito de preservar o amor das duas por toda a eternidade.¹⁹ No entanto, conforme aborda Felipe Cabral:

Em uma matéria da *Veja* de 1998, houve uma pesquisa realizada pela Rede Globo para saber quais problemas estavam afetando o Ibope da trama. A violência desmedida foi apontada, mas o único ponto que mostrava uma rejeição unânime era a união homossexual de Leila e Rafaela (CABRAL, 2007:45).

De acordo com Maria Lourdes, da USP, muitos foram os fatores que levaram à rejeição desse casal, como a idade, o charme e a elegância das personagens, que não demonstravam culpa ou angústia por serem gays. Ela acredita ainda que a aceitação é mais recorrente em personagens jovens que estejam na fase de descoberta da sexualidade, como aconteceu com Sandrinho e Jefferson. De fato, esse não era o perfil de Leila e Rafaela, pois as duas eram adultas, bem sucedidas profissionalmente e não consideravam nenhum tabu a sua orientação sexual. A opinião da pesquisadora revelar-se-á importante, pois representações como a de Sandrinho e Jefferson vão se repetir posteriormente na teledramaturgia e os resultados serão bem parecidos.

Em 1999, sucedendo “Torre de Babel”, iria ao ar “Suave Veneno”, de Aguinaldo Silva, que, assim como a antecessora, apresentava uma dupla de homossexuais mais velhos e também começou com baixos índices no Ibope. Dessa vez, entretanto, a homossexualidade não estava em questão e ambos sequer formavam um casal. Uálber, interpretado por Diogo Vilela, e seu secretário Edilberto, papel de

¹⁹ LETTIERE, Giovani. “Romances gays já incomodaram nas novelas”. *O Globo Online*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/romances-gays-ja-incomodaram-nas-novelas-4214854>. Acessado em 12/03/2014.

Luiz Carlos Tourinho, faziam parte do núcleo cômico da novela e, portanto, fizeram grande sucesso entre os telespectadores. Uálber era um guru que misturava o místico com a paranormalidade e atuava como consultor espírita. Ele levitava e movia objetos à distância, poder sobrenatural que, contudo, nunca era demonstrado em público (DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003). O jeito desajeitado de Edilberto e a caricaturização de Uálber, com seus turbantes, miçangas e echarpes coloridas, divertiram o público. Todavia, muitos ativistas, como o professor Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia, consideraram o estereótipo um retrocesso, a representação só estava reforçando o preconceito.

O final da década de 1990 contou ainda com a criação de uma das revistas que se consolidaria como a mais importante publicação voltada para o público gay masculino – a “G Magazine”. Criada em 1997, a revista ficou conhecida por sua marca registrada: a exibição de fotos de famosos nus. Sua última impressão foi em junho de 2013, quando a revista saiu de circulação.

A virada do século XX para o XXI já demonstrava avanços quanto à representação dos homossexuais nas novelas, principalmente da Rede Globo. Apesar de algumas experiências bem sucedidas em retratar os homossexuais de maneira sensível e mais naturalista, percebe-se que o público ainda prefere a representação do gay caricaturado. A demonstração de afeto entre casais gays na televisão, principalmente femininos, e a necessidade de ser belo e jovem para ser aceito pelo público ainda pareciam ser tabus que muitos autores teriam de encontrar maneiras de quebrar.

3.4. Beijo gay na televisão?

A partir dos anos 2000, a Globo consolida a estratégia de alternar personagens gays caricatos com a “narrativa de revelação”. Segundo Leandro Colling, além de um aumento na intensidade e no espaço destinado a personagens gays, que passam a figurar com mais frequência também nas tramas das 18h e 19h, se intensifica ainda, principalmente na faixa das 21h, uma tentativa de apresentar uma quantidade maior de casais homossexuais inscritos em um modelo considerado heteronormativo. Nestes casos, desaparecem por completo as afetações e começa a vigorar o desejo de casar, adotar uma criança, demonstrando que os casais gays pouco se diferem dos casais

heterossexuais considerados ideais na sociedade (COLLING, 2007). De acordo com Felipe Cabral, o aumento da visibilidade que os homossexuais ganharam com a virada do século, pode ser comprovado pelo crescimento no número de participantes das paradas do orgulho gay. Em 1997, o evento realizado na capital paulista contou com apenas 2 mil participantes. Em 2000, esse número cresceu para 120 mil; em 2004, para 1,5 milhão; e em 2007 a parada paulista contou com 3,4 milhões de participantes. Esse crescimento também aconteceu nas Paradas Gays cariocas. Enquanto, em 2000, o evento reuniu apenas 2 mil pessoas, em 2003 contou com 100 mil participantes, e em 2007, 1,2 milhão (CABRAL, 2007).

O ator e roteirista aponta ainda que o crescimento da demanda por parte dos consumidores homossexuais proporcionou um aumento na oferta de serviços e produtos voltados exclusivamente para esse público. O número de estabelecimentos destinados aos gays dobrou com a virada do século e o Brasil passou a ter mais de 200 empresas voltadas para esse mercado como boates, bares, restaurantes, agências de viagens etc. Em 2000, no Rio de Janeiro, a tradicional boate “Le Boy” chegava a ter um público de 1500 pessoas por fim de semana (CABRAL, 2007).

Isso provocaria transformações também na mídia e, em 2003, finalmente uma novela conseguiria emplacar um casal homossexual feminino: as jovens Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), personagens de “Mulheres Apaixonadas”. Para tentar contornar a aparente rejeição do público a casais de lésbicas, a trama escrita por Manoel Carlos, que foi ao ar às 21h, repetiu a fórmula bem sucedida em “A Próxima Vítima”, de Sílvio de Abreu. Além de Clara e Rafaela serem duas jovens bonitas, em plena fase de descoberta da sexualidade, as meninas não foram apresentadas como homossexuais desde o início, pelo contrário, foram descobrindo os sentimentos que nutriam uma pela outra com o desenrolar da trama. Como resultado, o público não apenas aceitou bem o romance, como também torceu para que as duas conseguissem driblar os comentários maldosos da colega de sala Paulinha (Ana Roberta Gualda) e a perseguição de Margareth (Laura Lustosa), mãe de Clara e contrária ao namoro, para ficarem juntas.

Apesar de tantos preconceitos, o casal teve um final feliz, que contou com o apoio entusiasmado de um fã clube na internet, de onde pipocavam até pedidos para que as duas se beijassem. No último capítulo, o beijo tão esperado aconteceu, mas só no palco, durante uma encenação de “Romeu e Julieta” de Shakespeare, em que Clara e Rafaela interpretavam os papéis título (SOUTO MAIOR, 2006). Na cena, Julieta,

vivida por Clara, beija os lábios de seu amado Romeu, papel de Rafaela, por acreditar que este esteja morto. Muitos autores, entretanto, não consideram este o primeiro beijo homossexual em uma novela brasileira, já que foi camuflado pela ideia de acontecer numa peça de teatro em que Rafaela interpretava um personagem masculino. Na opinião de Felipe Cabral, o beijo não passou de um singelo “selinho” dado praticamente no queixo da atriz (CABRAL, 2007). Entretanto, não se pode discutir que com a exibição da cena, “Mulheres Apaixonadas” mostrou que o tratamento aos gays definitivamente estava começando a mudar.

No ano seguinte, a representação homossexual em “Senhora do Destino”, novela de Aguinaldo Silva também exibida no horário nobre, misturou fórmulas bem sucedidas em duas outras novelas – “Suave Veneno” e “Mulheres Apaixonadas” –, contando com dois casais gays, um masculino e outro feminino. Espelhados em Uálber e Edilberto, o carnavalesco Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira) e seu namorado Turcão (Marco Vilela), formavam um casal cômico e construído com base na caricatura, enquanto Eleonora, vivida por Mylla Christie, e Jenifer, papel de Bárbara Borges, seguiram o caminho de Clara e Rafaela.

A grande comicidade do primeiro casal foi estabelecida justamente pelo contraste entre ambos os personagens – Bira, o gay efeminado e sensível, e Turcão, um homem forte e truculento, que por ser muito tímido, quase não falava. O segundo casal, por sua vez, não tinha nada de estereotipado ou cômico. Pelo contrário, além da descoberta da homossexualidade, Aguinaldo Silva utilizou a personagem Jenifer para abordar um outro problema vivido pelos gays: a dificuldade em se aceitar. De acordo com Felipe Cabral, uma reportagem publicada pela revista “Veja” quatro anos antes, no dia 16 de fevereiro de 2000, falava exatamente sobre essa angústia:

Com o título “Eu sou gay”, a matéria falou abertamente sobre os problemas que os homossexuais vinham sofrendo com o processo de aceitação da sua sexualidade e as maneiras de lidar com ela perante outras pessoas. [...] Um dos motivos que estaria provocando isso seria o maior tempo que os jovens estariam permanecendo na casa dos pais. Assim, seria mais difícil esconder a sua sexualidade, pois os filhos estariam mais tempo sob a sua vigilância (CABRAL, 2007:51).

O medo de não ser aceita pela família era justamente uma das angústias da personagem de Bárbara Borges, que ainda morava na casa do pai, o bicheiro Giovanni

Improtta (José Wilker). Para Liana Fernandes, nesse núcleo, as personagens estavam cercadas de preconceitos por todos os lados: “as famílias, que demoram a aceitar, os vizinhos que comentam, e a discriminação e sofrimento da própria Jenifer, diante da sua condição” (FERNANDES, 2005:45). Aos poucos, entretanto, ambas as famílias acabaram aceitando e apoiando o namoro, ao contrário da situação vivida por Clara e Rafaela. As duas chegaram aparecer seminuas na cama, em uma cena que, apesar de não contar com carícias ou beijos, rendeu 48 pontos de audiência no Ibope para a Rede Globo.

A novela inovou ainda ao introduzir uma questão que estava em pauta na época: a adoção de crianças por casais homossexuais. O tema foi introduzido quase no final da novela, quando as duas, já morando juntas, decidem adotar um recém-nascido encontrado abandonado próximo ao hospital no qual Eleonora trabalhava.²⁰

Exibida logo após “Senhora do Destino”, “América”, escrita por Glória Perez, foi um grande marco na trajetória da representação homossexual nas novelas. Vivido por Bruno Gagliasso, Júnior era um jovem que lutava para aceitar sua homossexualidade e escondê-la de sua mãe Neuta, papel de Eliane Giardini. Para agradá-la, ele namorou meninas e chegou até a se casar com uma – Ellis, personagem de Silvia Buarque –, mas sempre fugia dos “finalmentes”. Só o peão Zeca (Erom Cordeiro) conseguiria laçar o coração do rapaz. Com o desenrolar da trama, os olhares esquivos trocados pelos dois, foram dando espaço a algo mais. Como prova de que os dois estavam em paz com a homossexualidade, só faltava um beijo, algo inédito na TV aberta (MAIOR, 2006). Não foi desta vez, porém, que a TV Globo exibiu o primeiro beijo gay masculino da história de suas novelas.

Repetindo a fórmula que fizera sucesso em novelas anteriores, Júnior era um rapaz bonito que se descobria homossexual com o desenrolar da trama. O resultado foi o mesmo dos folhetins anteriores: o personagem foi bastante aceito pelo público. Em uma entrevista exclusiva concedida ao site “Globo.com” à época em que a novela estava no ar, Bruno disse que o retorno dos telespectadores não poderia ter sido melhor.

As pessoas estão adorando o Júnior porque elas estão sendo

²⁰ “Senhora do Destino” – Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino/casal-homossexual.htm>. Acessado em 13/03/2014.

explicadas por ele. A homossexualidade está sendo esclarecida. Estamos mostrando que isso não é doença. E também não é opção. Ninguém opta por ser discriminado. Ninguém opta por ser incompreendido. Ser gay é ser humano, é ser como qualquer outra pessoa. O público homossexual me agradece diariamente pelo que o Júnior está fazendo por ele.²¹

Mas não foi só entre os gays que Júnior fez sucesso. Segundo Bruno Gagliasso, muitas senhoras e até homens heterossexuais o abordaram nas ruas para elogiar o seu trabalho.²² A cena em que Júnior assumiu sua homossexualidade para Neuta rendeu, no Ibope, a média de 50 pontos de audiência para a Rede Globo.

Com o sucesso da trama, a autora Glória Perez recebeu inúmeros e-mails pedindo um beijo entre Júnior e Zeca (CABRAL, 2007). No dia 4 de novembro de 2005, data do último capítulo, a expectativa em torno da veiculação do primeiro beijo gay masculino em uma novela brasileira era grande. O assunto ganhou repercussão internacional, e “América” chegou a ser manchete em jornais e websites norte-americanos, russos e australianos. Na Inglaterra, o site do canal britânico BBC, o “BBC News”, estampava o título "Grande Expectativa: Chances de beijo gay apaixonado paraliza o Brasil".²³ A cena chegou a ter sete versões e, apesar de ter sido gravada, não foi ao ar, gerando polêmica e deixando muitas pessoas, entre as quais a autora e o próprio Bruno Gagliasso, indignadas.²⁴ O ator chegou a chorar quando viu que a cena não foi mostrada. “No dia que eu vi que não foi ao ar eu fiquei muito chateado. Fiquei triste demais, chorei. A gente gravou esse beijo sete vezes. E por isso eu fiquei muito triste. Principalmente por trabalhar com arte. Quem faz arte não consegue acreditar em censura. Não dá.”²⁵ Cláudio Nascimento, coordenador do grupo “Arco-Íris”, também criticou o corte da cena.

²¹ “Entrevista com Bruno Gagliasso”, 2005. Site Globo.com. Disponível em <http://america.globo.com/Novela/America/0,,AA984143-4197,00.html> . Acessado em 15/03/2014.

²² “Entrevista com Bruno Gagliasso”, 2005. Site Globo.com. Disponível em <http://america.globo.com/Novela/America/0,,AA984143-4197,00.html> . Acessado em 15/03/2014.

²³ “Beijo gay na TV brasileira agita planeta”. Disponível em <https://www.rea.pt/forum/index.php?topic=4835.685;wap2> . Acessado em 15/03/2014.

²⁴ SÁ, Michael. “Autora Glória Perez festeja primeiro beijo gay na TV e lembra corte de cena que escreveu em Améria: ‘Frustrante’”. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/autora-gloria-perez-festeja-primeiro-beijo-gay-na-tv-lembra-corte-de-cena-que-escreveu-em-america-frustrante-11475410.html>. Acessado em 15/03/2014.

²⁵ “Bruno Gagliasso critica emissora por veto de beijo gay em América”. Disponível em <http://www.diariodeguarulhos.com.br/2014/03/10/censurado-bruno-gagliasso-critica-globo-por-veto-de-beijo-gay-em-america/> Acessado em 15/03/2014.

Conseguimos avançar na caricaturização dos gays nas novelas que sempre tinham papéis jocosos, frívolos, como se nossas vidas fossem alegres o tempo inteiro. Mas até hoje não houve um beijo entre os gays, que parecem assexuados nas tramas ao não demonstrarem afeto. Há ainda um padrão de imagem para aceitação, sendo os gays sempre sarados e belos nas novelas. Reconheço o avanços no debate, mas acho que a TV pode ser mais ousada. Está faltando o beijo. (NASCIMENTO *apud* CABRAL, 2007:62)

À época, a Rede Globo afirmou que a cena não foi exibida, pois sua diretoria optou pela abordagem que acreditou ser mais apropriada para a exibição numa novela das oito. Segundo a emissora, o corte da cena não comprometeu a mensagem que a autora passou sobre o tema durante toda a novela, e, portanto, o folhetim foi bem sucedido em seu propósito.

Embora não tenha exibido o tão esperado beijo, “América” alavancou não apenas a discussão sobre a homossexualidade, que ganhou ainda mais visibilidade, como também sobre a quebra de outros tabus ainda presentes na sociedade. A trama contribuiu na luta contra a representação estereotipada dos gays na televisão, na medida em que retratou de forma sensível e sincera a questão da descoberta da homossexualidade. O assunto, porém, não se deu por finalizado. O desejo de assistir a um beijo homossexual masculino em uma novela ainda ia durar muito tempo. No entanto, devido ao grande agito de “América”, nos folhetins seguintes do horário nobre, a homossexualidade seria retratada com menos intensidade e um excesso de discrição.

Em “Belíssima” (2005), de Sílvio de Abreu, por exemplo, Pedro Paulo Rangel viveria um gay enrustido na terceira idade, que só se assumiria no último capítulo. A novela contaria ainda a história de Rebeca (Carolina Ferraz) e Karen (Mônica Torres), duas amigas que, também no último capítulo, descobririam o amor juntas e terminariam em uma lancha fazendo um brinde a uma “nova forma de amar”.

Em 2006, a questão da adoção de uma criança por casais homossexuais voltaria a aparecer em “Páginas da Vida”, de Manoel Carlos. Fernando Eiras e Thiago Picchi interpretaram Rubinho e Marcelo, um casal que também tinha o desejo de adotar uma criança. Segundo Felipe Cabral, a novela estava dialogando com a realidade ao falar sobre o assunto, já que no dia 23 de novembro de 2006, o site G1 divulgara uma notícia em que, pela primeira vez no Brasil, a justiça autorizara que dois homens fossem considerados pais em uma certidão de nascimento (CABRAL,

2007). O direito de responder pela paternidade da jovem Theodora, de cinco anos, foi concedido aos cabeleireiros Vasco Pedro da Gama Filho e Júnior de Carvalho, moradores do município de Catanduva, a 385km de São Paulo. Além do reconhecimento, a decisão garantiu outros direitos à criança como a guarda do outro pai no caso da morte de um dos dois.²⁶

Em comparação com os avanços obtidos em “América”, o relacionamento de Rubinho e Marcelo, todavia, foi retratado de maneira muito formal. Apesar de representados como um casal feliz e bem resolvido, quase não havia toques ou carícias entre ambos. A mesma descrição vai estar presente em “Paraíso Tropical”, novela de Gilberto Braga que foi ar às 21h em 2007. Na trama, Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sérgio Abreu) compunham um casal gay assumido, que não sofria preconceitos. Todos sabiam do relacionamento dos dois e aceitavam-no sem qualquer tipo de problema. Os dois dormiam juntos, tinham seu próprio apartamento e seu dia-a-dia era mostrado de forma naturalizada como o de qualquer outro casal. No entanto, ao contrário dos outros casais da trama, não trocavam beijos, carícias, sequer abraços. A normalidade do casamento gay que a novela pretendeu mostrar pecou pelo excesso, ou nesse caso, pela falta. Gilberto Braga chegou, inclusive, a declarar que a possibilidade de haver um beijo entre os dois era mínima, pois seria muito gratuito (CABRAL, 2007). Na opinião de Junior Nery:

A novela em nada contribuiu para quebrar o tabu de que o casal gay não pode trocar carinhos, olhares e até falar abertamente em público. Sequer nas cenas a sós os personagens eram carinhosos um com o outro. Eram apenas serenos e corteses como dois amigos íntimos.²⁷

“Paraíso Tropical” contou ainda a história de Hugo (Marcelo Lahan), um jovem que, por ser gay, foi agredido pelo pai. Namorado do personal trainer Felipe, interpretado por Miguel Kelner, Hugo desejava se casar com Taís (Alessandra Negrini) para esconder sua orientação sexual dos pais. No dia do casamento, todavia,

²⁶ BONADIO, Luciana. “Ativistas gays comemoram decisão que permite adoção de crianças”. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,AA1361499-5605-440,00.html>. Acessado em 15/03/2014.

²⁷ NERY, Junior. “Os casais gays mais marcantes das novelas brasileiras”. Disponível em <http://www.identidadeg.com.br/2010/09/os-casais-gays-mais-marcantes-das.html>. Acessado em 12/03/2014.

a farsa foi revelada e Hugo agredido. Após essa cena, tanto Hugo, quanto Felipe saíram da trama (COLLING, 2007).

“Duas Caras” (2008) traria outra vez à tona a discussão sobre o beijo gay masculino. A cena em que o polêmico beijo aconteceria chegou até a ser idealizada pelo autor Aguinaldo Silva – seria no casamento de Bernardinho (Thiago Mendonça) e Carlão (Lugui Palhares). Entretanto, mais uma vez, o beijo foi vetado pela direção da TV Globo.

Em 2008, foi ao ar no horário nobre a novela “A Favorita”. No folhetim de João Emanuel Carneiro, Iran Malfitano viveu Orlandinho, um jovem mauricinho que se descobre apaixonado pelo amigo Halley (Cauã Reymond). Este, no entanto, finge ser gay para se aproximar dele apenas por interesse. Para esconder sua homossexualidade do pai, Darcy (Luiz Baccelli), Orlandinho se casa com a ambiciosa Maria do Céu (Deborah Secco), também só interessada no seu dinheiro. Aos poucos, todavia, o companheirismo e a amizade que os dois vão construindo acaba transformando-os e fazendo com que se apaixonem um pelo outro. Ambos terminam juntos e felizes, e Orlandinho deixa de sentir atração por homens.

“A Favorita” gerou muita polêmica entre os gays. O primeiro motivo foi a representação estereotipada adotada por Cauã Reymond, para fingir ser homossexual e se aproximar de Orlandinho. Muitos homossexuais se sentiram ofendidos. O deputado federal Jean Wyllys, entretanto, afirmou que a negatividade do personagem de Cauã foi contrabalanceada pela inocência e positividade de Orlandinho, que apoiou a decisão do suposto amigo de se assumir.²⁸

Já Marcelo Cerqueira, um dos presidentes do Grupo Gay da Bahia, afirmou que a novela não tratou com seriedade a questão da homossexualidade. “A orientação sexual é uma coisa muito séria. É frustrante ver um personagem que caminhava tão bem, mudar de uma forma tão abrupta. Isso nos decepciona, faz parecer um pouco de deboche. Se ele se descobrisse bissexual seria mais crível.”²⁹

²⁸ “Personagem de Cauã Reymond gera polêmica entre grupos gays em ‘A Favorita’”, 2008. Disponível em <http://verdesmares.globo.com/v3/canais/noticias.asp?codigo=224623&modulo=972> . Acessado em 15/03/2014.

²⁹ “Orlandinho de A Favorita causa polêmica entre gays”, 2008. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC.blog.BlogDataServer.getBlog&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=133421&blog=378&coldir=1&topo=3994.dwt> . Acessado em 15/03/2014.

Em resposta, o ator Iran Malfitano defendeu seu personagem:

Na verdade, Orlandinho nunca teve uma experiência gay. Ele nem sabe, de fato, se esse é o caminho para sua felicidade. Buscou na homossexualidade o que nunca achou numa relação hétero. Só que, sem querer, encontrou em Céu tudo o que ele queria: companheirismo, respeito, carinho.³⁰

“A Favorita” contou ainda com uma representação gay feminina. Stela, personagem de Paula Burlamarqui, que fora casada com uma outra mulher com quem criara seu filho, se interessaria, com o desenrolar da trama, por Catarina, vivida por Lilia Cabral. No final da trama, as duas viajaram juntas, dando a entender que começariam uma vida nova uma ao lado da outra.

Após “A Favorita”, representações homossexuais em novelas das oito só voltariam a aparecer em “Insensato Coração”, de Gilberto Braga, exibida em 2011. Desta vez, o personagem gay ficou a cargo do ator Leonardo Miggiarin, que interpretou o homossexual assumido Roni. Apesar de seus trejeitos afetados, o carisma e o humor do personagem conquistaram não apenas o público GLBTT, como também crianças e pessoas mais velhas.³¹ A novela levou ao ar ainda discussões sobre a homofobia, nas quais Roni estava quase sempre envolvido. Muitas foram as cenas em que Roni apareceu revoltado com atos homofóbicos contra ele ou amigos seus. Uma delas, que contou com a participação do ator Wendell Bendelack na pele do gay Xicão, questionava a agressão aos homossexuais nas ruas de Copacabana, tradicional bairro do Rio de Janeiro.³² A luta contra a homofobia aumentou ainda mais quando Sueli (Louise Cardoso) descobriu que seu filho Eduardo (Rodrigo Andrade) era homossexual. Além de apoiá-lo, ela passou a defender a causa gay em seu quiosque.

Segundo o 1º Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, um levantamento inédito divulgado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência

³⁰ “Orlandinho de A Favorita causa polêmica entre gays”, 2008. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC, blog.BlogDataServer.getBlog&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=133421&blog=378&coldir=1&topo=3994.dwt>. Acessado em 15/03/2014.

³¹ “Leonardo Miggiarin conta que o personagem Roni conquistou diferentes públicos”. Disponível em <http://televisao.uol.com.br/novelas/insensato-coracao/2011/07/29/em-insensato-coracao-leonardo-miggiarin-conta-que-o-personagem-roni-conquistou-diferentes-publicos.jhtm>. Acessado em 22/03/2014.

³² “Roni se irrita com a violência contra os homossexuais” Disponível em <http://globo.globo.com/rede-globo/insensato-coracao/v/roni-se-irrita-com-a-violencia-contra-os-homossexuais/1540413/>. Acessado em 22/03/2014.

da República (SDH/PR) em julho de 2012, de janeiro a dezembro de 2011, foram denunciadas 6.809 violações de direitos humanos contra LGBTs, envolvendo 1.713 vítimas e 2.275 suspeitos. Dados da pesquisa revelaram que, nesse período, foram reportadas 18,65 violações de direitos humanos de caráter homofóbico por dia, vitimando 4,69 pessoas diariamente.³³

A novela conscientizou ainda muitos brasileiros da existência do projeto de lei que criminaliza a homofobia – o PL 122. Criado em 2006 e aprovado pela câmara dos deputados em 2008, o projeto ainda aguarda aprovação do senado.³⁴ Tal aprovação é um assunto polêmico até hoje, pois segundo algumas entidades cristãs – católicas e protestantes –, o projeto fere a liberdade religiosa e de expressão. Esse foi um dos principais motivos pelos quais a direção geral da TV Globo determinou, à época, o esfriamento da história de amor vivida por Eduardo e Hugo (Marcos Damigo) na novela. Segundo Manoel Martins, o diretor geral de entretenimento da emissora, “a TV é um veículo de massa que precisa contemplar todos os seus públicos e faz parte do papel da direção zelar para que isso aconteça. Nada de instigar o beijo gay nem a ira de entidades que possam encarar a iniciativa com preconceito.”³⁵ Sendo assim, mais uma vez, o beijo foi engavetado.

Em “Fina Estampa”, exibida no mesmo ano, Marcelo Serrado encantou o público com o divertido Crô. Estereotipado e cheio de trejeitos, o mordomo Crodoaldo Valério foi o criador de frases que caíram na boca do público como “Isaura sou eu. Sofre mas no fim se dá bem” ou ainda “Minha santa Madonna de La Isla Bonita”. A expressão “Rainha do Nilo”, usada pelo personagem para se referir à sua patroa, a vilã Tereza Cristina, papel de Christiane Torloni, também se popularizou entre os seus fãs. O sucesso do personagem foi tanto, que rendeu o filme “Crô”, escrito pelo autor da novela Aguinaldo Silva, dirigido por Bruno Barreto e lançado em 2013 nos cinemas.

³³ MACIEL, Welliton. “Um panorama da violência homofóbica no Brasil”. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/um-panorama-da-violencia-homofobica-no-brasil>. Acessado em 03/04/2014.

³⁴ O resumo da tramitação pode ser visualizado em http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604. Acessado em 22/03/2014.

³⁵ GIGLIOTTI, Amanda. “Globo esfria gays em ‘Insensato Coração’: não apologia à lei contra homofobia”. Disponível em <http://portugues.christianpost.com/news/globo-esfria-gays-em-insensato-coracao-nao-apologia-a-lei-contra-homofobia-2462/>. Acessado em 22/03/2014.

Por fim, “Avenida Brasil”, novela de João Emanuel Carneiro, foi a última novela antes de “Amor à Vida”, a suscitar a temática homossexual. Roni, personagem de Daniel Rocha, chegou a viver um triângulo amoroso com Suellen (Ísis Valverde) e Leandro (Thiago Martins). Entretanto, a abordagem do tema na novela foi muito superficial, já que a homossexualidade de Roni foi pouco desenvolvida.

Apesar da aceitação aos personagens gays ter crescido muito nos últimos anos, é nítido que caracterizações cômicas e caricatas ainda fazem mais sucesso entre os telespectadores. Até 2013, no entanto, quase todas as novelas que queriam colocar em discussão a união entre pessoas do mesmo sexo e mostrar o dia a dia de um casal homossexual optaram por uma abordagem mais séria, com personagens cuja construção quase não dava indícios sobre a sua orientação sexual. Esse quadro se reverteria em “Amor à Vida”, quando Waleyr Carrasco mesclaria as duas possibilidades. Enquanto Félix, personagem interpretado por Mateus Solano, apelava para uma construção cômica e cheia de trejeitos, o casal Niko (Thiago Fragoso) e Eron (Marcello Anthony) apresentava uma caracterização mais natural, sensível e pouco estereotipada. Através destes personagens, a novela colocou em questão assuntos como a homossexualidade, a discriminação e o preconceito, mas também o sonho de ter filhos, cultivado pelos personagens de Fragoso e Anthony. Mudanças no rumo da trama, entretanto, separaram os dois e uniram Niko a Félix. O sucesso do novo casal culminou em um marco para a história da televisão brasileira e para o movimento GLBTT: a exibição do primeiro beijo gay numa novela da Rede Globo, tabu cuja quebra há muito vinha sendo reivindicada.

4. AMOR À VIDA

“Amor à Vida” foi um marco na história da televisão brasileira e da representação homossexual nas novelas. Exibida entre 20 de maio de 2013 e 31 de janeiro de 2014, o folhetim teve 221 capítulos e representou a estreia do autor Walcyr Carrasco no horário das 21h. A direção geral foi assinada por Mauro Mendonça Filho e a direção de núcleo ficou a cargo de Wolf Maya.

A história girava em torno da disputa entre os irmãos Félix, vivido por Mateus Solano, e Paloma, papel de Paolla Oliveira, pela herança do pai César Khoury (Antônio Fagundes), dono de um grande hospital em São Paulo – o São Magno. Clínico geral da instituição e casado desde os tempos de faculdade com Pilar, personagem de Susana Vieira, César nutre um amor enorme pela filha, em quem sempre espelha o seu sucesso. Pediatra dedicada, Paloma é nitidamente a preferida do pai. Pilar, por sua vez, morre de amores pelo filho mais velho, por quem César não demonstra tanto apreço. Considerado pelo pai a “ovelha negra” da família por não ter conseguido se formar em medicina, o ambicioso Félix acabaria encontrando na administração uma forma de conseguir um cargo importante no hospital para, enfim, colocar em execução o seu maior plano: assumir a direção da instituição e tomar conta de vez dos negócios da família. O que ninguém sabe, entretanto, é que por trás do seu casamento com a estilista Edith (Bárbara Paz), Félix esconde sua homossexualidade do pai e da família.

Movido pela ambição de chegar à direção do hospital, Félix não mediu esforços para se livrar da irmã. Como se já não bastasse essa pedra em seu caminho, no primeiro capítulo da trama, Paloma aparece grávida e o vilão percebe que, com o nascimento da sobrinha, passaria a ocupar não mais o segundo, mas o terceiro lugar na linha de sucessão no hospital. Félix então rouba a recém nascida, a abandona na caçamba de um lixo e todos passam a acreditar que o bebê morreu.

4.1. Félix, a “bicha má”

Alguns críticos afirmam que “Amor à Vida” teve diversos problemas. Para o jornalista e crítico de TV Maurício Stycer, foram tantos os temas polêmicos que a novela abordou, muitos dos quais sem qualquer aprofundamento, que poder-se-ia compará-la a uma espécie de *X-Tudo*, um sanduíche com tantos ingredientes que mal

se percebe o seu gosto.³⁶ Além da homossexualidade, a novela retratou temas como a obesidade; o autismo; o incesto; diversas doenças como lúpus, câncer e aids; o amor entre palestinos e judeus; o assédio moral; entre muitos outros. Na opinião de Stycer, através dessa estratégia o autor Walcyr Carrasco parecia estar mais interessado em gerar polêmica e fazer barulho do que propriamente discutir esses assuntos.³⁷ Mesmo assim, embora não tenha sido um fenômeno de audiência, “Amor à Vida” fechou com uma média de 36 pontos no Ibope da Grande São Paulo – apenas três pontos a menos que “Avenida Brasil”, último grande sucesso do horário nobre.³⁸ Por outro lado, a novela também teve muitos pontos positivos. Um dos principais foi o personagem Félix.

Para dar vida ao invejoso e rancoroso homossexual enrustido que se sentia renegado pelo pai, Mateus Solano se valeu de uma construção caricaturada e cheia de trejeitos. Embora tenha cometido enormes atrocidades como, por exemplo, desviar dinheiro no hospital, seus comentários sarcásticos e venenosos, sempre carregados de humor e afetação, fizeram dele um dos personagens favoritos do público. Assim como o Crô, papel de Marcelo Serrado em “Fina Estampa”, Félix foi o criador de muitos bordões e frases que caíram na boca dos telespectadores, como “Eu devo ter salgado a santa ceia para merecer uma coisa dessas” ou ainda “Será que eu piquei salsinha na tábua dos dez mandamentos?”. O mesmo efeito tiveram as expressões “criatura” e “meu doce”, utilizadas pelo personagem como vocativos para a irmã Paloma. A popularidade do personagem foi tamanha, que Félix chegou a ganhar páginas nas redes sociais destinadas a criar novas frases e *memes* baseados num “estilo Félix de falar e pensar”, a fim de divertir os internautas. Os perfis Felix Bicha Má, no Facebook, e *@bichamaoficial* e *@felixamargo*, no aplicativo Instagram, são exemplos bem sucedidos dessas páginas.

A construção do personagem confirmou mais uma vez que a caricatura e o humor constituem uma fórmula consagrada de sucesso para representar o homossexual em televisão. Segundo o especialista em telenovelas e criador do site

³⁶ STYCER, Maurício. “‘Amor à vida’ atirou em todas as direções e só acertou no que não previu”. Disponível em <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/tag/mateus-solano/> . Acessado em 26/03/2014.

³⁷ Ibidem

³⁸ Disponível em <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/amoravidab.asp> , item “Bastidores”. Acessado em 26/03/2014.

“Teledramaturgia”, Nilson Xavier, a interpretação de Mateus Solano foi um dos grandes trunfos da novela:

Félix não foi o primeiro vilão gay de nossas novelas, mas desde a primeira aparição da “bicha má”, os elogios vieram de toda parte. E merecidos. Beirando a caricatura, com língua ferina e frases de efeito, Félix foi construído para ser daqueles personagens carismáticos que arrebatam o povo.³⁹

O antagonista pode ser visto ainda como uma prova do que Renata Palottini (2012) chama de caráter de “obra em aberto” da telenovela brasileira. Conforme relatado anteriormente, no Brasil, as novelas começam a ser exibidas sem estarem completamente escritas, de modo que o público exerce grande influência nos rumos que as tramas vão tomar. O carinho dos telespectadores e a popularidade de Félix, atrelados a outros fatores, fizeram com que o vilão passasse por uma enorme transformação e se tornasse um dos grandes protagonistas do folhetim.

Por volta da metade da novela, o vilão concretiza seus objetivos e chega à presidência do hospital. Durante seu mandato, Félix comete uma série de falcatruas, entre elas, desvio de dinheiro. Seu mandato, entretanto, dura menos do que ele esperava, já que, assim que suas armações são descobertas, ele é exonerado do cargo. Também é nesse momento que a família Khoury descobre que Félix jogara a sobrinha na caçamba do lixo e o expulsa de casa. Félix então chega ao fundo do poço: desempregado, sem dinheiro e sem ter onde morar, o vilão é obrigado a morar com a ex-babá Márcia, interpretada por Elizabeth Savalla, em uma casa no subúrbio da capital paulista, e a trabalhar como garçom em um bar. Na opinião de Mateus Solano, esse foi um dos grandes méritos do autor Walcyr Carrasco:

Um dos grandes méritos do Walcyr foi, primeiro, ter cumprido a promessa dele de fazer uma novela ágil, do primeiro ao último capítulo. Mesmo com 221 capítulos, a novela não parou de surpreender, com as tramas sempre se mexendo. E para fazer isso, ele teve que ir além do “felizes para sempre”. E isso eu achei maravilhoso, porque na vida a gente não é feliz para sempre. [...] Félix, no meio da novela, se tornou presidente do hospital, que, na linguagem dos atores, esse era o super objetivo do personagem – alcançar a presidência. Ele alcança não no final da novela, mas no meio da novela, para depois perder essa presidência e ganhar outras

³⁹ Disponível em <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/amoravidab.asp>, item “Bastidores”. Acessado em 26/03/2014.

coisas. [...] Como na vida: a vida não é um conto de fadas, ela é uma grande montanha russa, com altos e baixos, e o importante nessa montanha russa é a gente rever nossos preconceitos, estar o tempo todo lançando o olhar para si próprio e de si para o mundo, aceitando as diferenças.⁴⁰

A novela de Walcyr Carrasco retomou ainda a discussão sobre a homofobia levantada anteriormente em “Insensato Coração” por Gilberto Braga. As humilhações sofridas por Félix em função do preconceito de César contra o filho afeminado revelaram que por trás de todas as maldades, o personagem tinha um lado humano e repleto de angústias. No fundo, tudo o que o vilão queria era ser amado e aceito pelo pai. Assim, o público pode acompanhar de perto o sofrimento de muitos homossexuais por conta do preconceito que vivem, muitas vezes dentro da própria casa. Em uma das cenas na qual Félix foi humilhado pelo pai, César disse o seguinte:

César – Eu não tenho preconceito. Eu nunca tive! O Dr. Eron lá do hospital, eu sei, ele vive com um rapaz.

Félix – O Dr. Eron... ele me contou. Ele me contou quando foi contratado. Pai, eu me espantei. Eu me espantei porque ele disse que a família dele aceita a vida que ele tem.

César – Eu não vou aceitar!

Félix – Meu deus, mas você acabou de dizer que não tem preconceito, pai!

César – E não tenho! Mas um filho gay... é diferente.⁴¹

De acordo com Toni Reis, presidente da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais), a discussão levantada pela novela dialoga com a realidade, já que a situação vivida por Félix é bastante recorrente:

Nos meus 30 anos de ativismo pelos direitos Humanos LGBT tenho presenciado situações muito parecidas com a vivenciada pelo personagem Felix. Muitos gays fingindo ser heteros para não sofrer a discriminação e o preconceito reinante em nossa sociedade. Eles e Felix sofrem de algo que se chama “heteronormatividade”. É um termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. Seu pai,

⁴⁰ Entrevistas concedida por Mateus Solano em “Vídeo exclusivo: Solano e Thiago Fragoso mostram como foi a gravação da cena final”. Disponível em <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/Fique-por-dentro/noticia/2014/02/video-exclusivo-solano-e-thiago-fragoso-mostrar-como-foi-gravacao-da-cena-final.html> . Acessado em 03/04/2014.

⁴¹ Diálogo transcrito da cena, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NYv0I_P3ADg . Acessado em 27/03/2014.

Cezar, representa muito bem o papel do machista homofóbico tradicional, espelhando também os religiosos fundamentalistas, que fala de boca cheia que não tem preconceito, mas contratou uma garota de programa para “curar” seu filho. Culpa a mãe pela educação. Ameaça deserdar, ridiculariza e tudo mais. Infelizmente isto acontece muito na realidade Brasileira.⁴²

Segundo os dados do 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica, divulgado no dia 27 de junho de 2013 pela coordenação de Promoção dos Direitos LGBT da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), o número de denúncias sobre violência homofóbica cresceu 166% em relação ao ano anterior, saltando de 1.159 para 3.084 registros. O número de violações, por sua vez, – cada denúncia pode contar com mais de uma violação – saltou de 6.809 para 9.982, marcando um aumento de 46,6%.⁴³

Em 2013, os protestos contra a homofobia efervesceram o país, após a aprovação pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, presidida pelo deputado Marco Feliciano, de um projeto de lei apelidado de “Cura gay”. O projeto autorizava psicólogos a proporem um tratamento para a homossexualidade, o que gerou polêmica entre ativistas e até mesmo entre o próprio Conselho Federal de Psicologia, que proíbe que a homossexualidade seja vista como doença.⁴⁴ Muitas pessoas saíram às ruas para protestar contra a aprovação e pedir a cassação do mandato de Marco Feliciano. Segundo Luiz Mott, as manifestações contra o pastor chegaram a consolidar-se como um dos maiores movimentos de massa do século XXI, igualando-se à grandeza das “Diretas Já” e do “Fora Collor”:

Nunca antes na nossa história houve uma mobilização nacional e internacional tão orquestrada contra a homofobia deste indigno presidente da Comissão de Direitos humanos e Minorias da Câmara dos deputados. É fantástica e de altíssimo nível a quantidade de artigos e ensaios escritos contra o pastor Feliciano. As incontáveis fotos de Vips e cidadãos comuns se beijando na boca como protesto continuam pipocando na internet. As manifestações em todas capitais, muitas cidades do interior e do exterior, sempre com o

⁴² REIS, Toni. “Homossexualidade, a novela ‘Amor à Vida’ e homofobia no Brail”. Disponível em <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=76829> . Acessado em 26/03/2014.

⁴³ “Número de denúncias de violência homofóbica cresceu 166% em 2012, diz relatório”. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/noticias/2013/junho/numero-de-denuncias-de-violencia-homofobica-cresceu-166-em-2012-diz-relatorio> . Acessado em 27/03/2014.

⁴⁴ TORRES, Heloísa. “‘Cura gay’ é aprovada pela Comissão de direitos humanos da Câmara”. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/06/cura-gay-e-aprovada-pela-comissao-de-direitos-humanos-da-camara.html>. Acessado em 27/03/2014.

mote FORA FELICIANO é algo inédito em nossa história, configurando-se como o maior movimento de massas do século XXI, só igualadas pelas lutas contra a Ditadura, Diretas Já, Fora Collor, do século passado. A produção de charges e cartoons fora Feliciano é fantástica: o GGB inaugura em maio, em Salvador uma exposição com 50 caricaturas dos melhores cartunistas brasileiros sobre esse tema.⁴⁵

Desde sua eleição ao cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), no dia 6 de março de 2013, o pastor respondia por dois processos – um decorrente de atitudes homofóbicas e outro de estelionato. Feliciano foi denunciado em janeiro pelo procurador-geral da República, Roberto Gurgel, que considerou homofóbica uma mensagem postada pelo deputado no microblog Twitter que dizia que “A podridão dos sentimentos dos homoafetivos levam ao ódio, ao crime, à rejeição”.⁴⁶ Como a criminalização da homofobia ainda está em tramitação, o procurador enquadrou o ato como crime de discriminação, com pena de um a três anos de prisão. O caso ainda aguarda a decisão do plenário para abrir ação penal e transformar o parlamentar em réu.⁴⁷ Marco Feliciano deixou a presidência da CDHM no dia 18 de dezembro de 2013, menos de um ano após ter sido eleito.

Outro parlamentar que também gerou polêmica com suas afirmações foi Jair Bolsonaro. Envolvido em diversos escândalos, o deputado, eleito pelo Partido Progressista (PP-RJ), chegou a afirmar que seria incapaz de amar um filho homossexual. Em uma entrevista concedida em 2011, Bolsonaro chegou a dizer que preferia um filho morto a um herdeiro gay:

Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo. Se um casal homossexual vier morar do meu lado, isso vai desvalorizar a minha casa! Se eles andarem de mão dada e derem beijinho, desvaloriza.⁴⁸

⁴⁵ “Entrevista: Luiz Mott fala sobre homofobia, direitos LGBT e Marco Feliciano na CDHM”. Disponível em <http://www.ggb.org.br/luiz%20mott%20entrevista%20passageiro%20do%20mundo%202013.html>. Acessado em 09/04/14.

⁴⁶ OLIVEIRA, Mariana. “Deputado Marco Feliciano responde por homofobia e estelionato no STF”. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/deputado-marco-feliciano-responde-por-homofobia-e-estelionato-no-stf.html>. Acessado em 27/03/2014.

⁴⁷ Ibidem

⁴⁸ “As 10 polêmicas de Bolsonaro”. Disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/infograficos/polemicas-de-bolsonaro/>. Acessado em 27/03/2014.

A sabedoria do autor da novela em mostrar o sofrimento em função da rejeição na pele de um personagem que já tinha conquistado o público, deu ainda mais destaque e atenção à questão. Para Nilson Xavier:

Nunca a homossexualidade foi discutida de forma tão abrangente e clara dentro de um folhetim. Este talvez tenha sido o maior feito e contribuição de Amor à Vida. Se [Walcyr] Carrasco abordou vários temas de interesse social de forma rasa, ao abordar a homossexualidade, através de Félix, o autor acertou em cheio e conseguiu levantar uma discussão importante. [...] Carrasco, ao escancarar o preconceito de um pai homofóbico (César de Antonio Fagundes) contra seu filho afeminado tocou na ferida por um viés diferente. Foi didático, mas não menos eficiente.⁴⁹

Como resultado, apesar de todas as maldades cometidas por Félix, o público acolheu o personagem, tomando suas dores e anseando para que ele se reerguesse. O sofrimento provocado por suas maldades trouxe-lhe a redenção, que embora questionável, foi bastante aceita pelos telespectadores. Em uma entrevista concedida ao programa “Encontro com Fátima Bernardes”, o novelista Walcyr Carrasco disse acreditar na transformação no ser humano e por isso sempre busca retratar algum tipo de redenção em suas novelas. “Eu acredito que o ser humano pode se transformar, evoluir espiritualmente e ser uma pessoa melhor”.⁵⁰

Segundo Nilson Xavier, nesse momento, Félix assume o posto de protagonista da trama, devido ao desinteresse do público pelo casal romântico central, formado por Paloma e Bruno (Malvino Salvador). Assim, o antigo vilão abandona o rancor e, ao conhecer Niko (Thiago Fragoso) e se apaixonar por ele, passa a buscar a felicidade.

4.2. Niko, o “carneirinho”

Abordado pela última vez em 2006, na novela “Páginas da Vida”, o desejo de formar uma família vivido por dois homossexuais tornou a aparecer em “Amor à

⁴⁹ Disponível em <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/amoravidab.asp> , item “Bastidores”. Acessado em 26/03/2014.

⁵⁰ “Walcyr fala sobre a redenção de Félix”. Disponível em <http://globoTV.globo.com/t/programa/v/walcyr-fala-sobre-a-redencao-de-felix/3115979/> . Acessado em 26/03/2014.

Vida”. Desta vez, os protagonistas deste sonho foram o casal Niko, vivido por Thiago Fragoso, e Eron, papel de Marcello Anthony. Homossexuais assumidos, os dois viviam uma relação sólida e, ao contrário de Félix, não possuíam uma representação caricata. Pelo contrário, muito discretos, ambos foram construídos em cima da ideia de heteronormatividade defendida por Leandro Colling. Embora Niko, dono de um restaurante japonês no bairro da Liberdade, fosse um pouco mais sensível e delicado que Eron, advogado do hospital São Magno, não se pode dizer que sua caracterização tenha enveredado para um estereótipo.

Os conflitos do casal começam a aparecer quando Amarilys (Danielle Winits), uma antiga amiga de infância de Niko, se oferece como barriga solidária para gerar o filho que o casal tanto deseja ter. Sozinha e carente, a dermatologista acaba se envolvendo com Eron e começa a manipulá-lo para que deixe o companheiro e fique com ela. O advogado, por sua vez, para não magoar Niko, esconde do parceiro sua relação com a Amarilys. Quando esta aparece grávida, o sushiman comemora, enquanto a médica, que acredita que sua gravidez seja fruto da noite em que transou com Eron, planeja como se livrar de Niko assim que a criança nascer.

Mesmo após o nascimento do bebê, batizado por Niko de Fabrício, e a realização de um exame que comprovou que a criança era, de fato, fruto da inseminação artificial, a obsessão de Amarilys em permanecer com a criança, que ela julga ser seu filho, revela nela uma mulher descontrolada, capaz de tudo para atingir seus objetivos. Ao descobrir a traição de Eron e perceber que o companheiro se tornou um fantoche da amiga dissimulada, Niko, magoado, decide se separar. Como resultado, o público ficou do lado do personagem de Thiago Fragoso e repreendeu duramente as atitudes do casal Eron e Amarilys. O próprio Marcello Anthony disse, em uma entrevista ao jornal “Extra”, que não concordava com as atitudes do seu personagem:

Eu seria o primeiro a dar uns tapas nele. Eron passou mais de 130 capítulos dizendo que não queria magoar Niko de jeito nenhum. Mas só vem fazendo o contrário. É um grande advogado, domina bem outros setores da vida, é culto, mas caiu numa manipulação rasa, virou fantoche na mão de Amarilys. Eron é um bundão, um banana. Essas opiniões são unânimes, é o retorno que tenho não só do público, mas da família e dos amigos... Dizem que o Eron é um

babaca, que pisou feio na bola, que tem que usar pijama para ser o legítimo banana de pijama.⁵¹

A partir de então a trama assume outros rumos. Félix e Niko se aproximam, se tornam amigos e começam a ajudar um ao outro. É inclusive por sugestão dele que Niko decide fazer o exame de DNA, cujo resultado comprova que Amarilys não é a mãe biológica de Fabrício. O personagem de Mateus Solano também ajuda o chef do restaurante japonês, a quem ele apelida de “carneirinho”, a recuperar Jayminho (Kayky Gonzaga), o menino adotado pelo antigo casal, cuja guarda estava suspensa em função de sua separação. Em retribuição, Niko procura Pilar e pede a ela que perdoe o filho por ter jogado a sobrinha na caçamba do lixo e o aceite de volta em casa. Niko convence a matriarca da família Khoury de que Félix mudou e precisa muito recuperar o carinho da mãe. Também é Niko que serve de ombro amigo ao ex-vilão, quando este é humilhado por César. Aos poucos, os dois vão se tornando cada vez mais próximos até ficar claro que, entre ambos, existe algo mais do que puramente amizade. Apesar da redenção, Félix não perdeu o seu humor ácido de “bicha má” que tanto divertia o público na fase inicial da novela, de modo que Walcyr Carrasco conseguiu construir a aproximação dos dois valendo-se de muita sinceridade e sensibilidade, sem perder o humor.

A novela inovou ainda ao finalmente retratar uma relação homossexual masculina com carícias e abraços. A cena em que Félix anuncia o seu desejo de sair de São Paulo pode ser tomada como exemplo. Durante a sequência, os dois trocam beijos na bochecha, abraços e carinhos. Além disso, seus olhares demonstram o grande afeto existente entre ambos. A cena retoma ainda a questão da aceitação e da homofobia, quando Félix, decepcionado com a relação que possui com o pai, pergunta ao amigo como foi quando seus pais descobriram sua homossexualidade. O relato do personagem mostra como a compreensão e o apoio dos pais foram essenciais para que Niko pudesse seguir com a sua vida, feliz e bem resolvido. Em compensação, a rejeição por parte da família e principalmente do pai gerou em Félix uma série de angústias e inseguranças, dificultando a sua própria aceitação e felicidade. A beleza estética da cena, apesar da simplicidade, e a brilhante interpretação dos dois atores

⁵¹ CARVALHO, Marcelle. “Em ‘Amor à vida’, Marcello Anthony não alivia para Eron: ‘Seria o primeiro a dar uns tapas nele’”. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/em-amor-vida-marcello-antony-nao-alivia-para-eron-seria-primeiro-dar-uns-tapas-nele-11087189.html> . Acessado em 28/03/2014.

transmitem aos telespectadores a importância de estar ao lado dos seus filhos sempre, independente das escolhas que eles façam:

Félix – Sabe Niko, é duro saber que meu pai não gosta de mim.

Niko – Eu sinto muito.

Félix – Para você, como é que foi assim... Com seu pai, com a sua mãe...

Niko – Bom, eu sempre fui assim um menino quieto, sabe? Delicado...

Félix – A alegria da garotada né? (risos)

Niko – Ai, Félix, você hein? Olha se você continuar assim eu vou ser o terceiro a te botar para fora de casa.

Félix – Não, não, por favor, não faz isso. Eu sou daquele tipo, eu perco o amigo, mas não perco a piada.

Niko – Eu sei. Enfim, esse Niko mais extrovertido que você conhece só surgiu muito depois na minha vida. Eu nunca conheci alguém mais intimamente até os dezoito anos. Foi a minha mãe, sabia? Que quando percebeu que eu nunca arrumava uma namorada, me chamou para conversar, conversou comigo numa boa.

Félix – Ai, que mãe maravilhosa você teve.

Niko – É, maravilhosa. Uma mulher simples, mas com muita sabedoria. Depois ela chamou até meu pai para conversar. É claro que foi difícil para ele aceitar, até porque eu era o único filho homem. Mas depois ele acabou aceitando. Você sabe que quando eu vim morar com o Eron, eles até gostaram? Para falar a verdade, a minha mãe até hoje não se conformou de eu ter me separado do Eron.

Félix – Ela não sabe da missa a metade...

Niko – É, verdade.

Félix – Eu queria tanto que tivesse sido assim comigo. Que eu tivesse sido aceito como eu sou.

Niko – Félix, deixa eu te falar uma coisa: a gente não pode mudar o passado. Mas a gente pode impedir que o nosso passado prejudique o nosso presente e o nosso futuro. Você nunca vai ser feliz se ficar aprisionado no passado. Tem tanta gente que gosta de você.

Félix – Tanta gente não, Niko. Você...

Niko – Eu.⁵²

As sequências seguintes, em que cada um está em sua casa pensando um no outro e na conversa que tiveram, cena muito comum entre um casal de protagonistas, demonstra que, a essa altura da trama, os dois já haviam assumido esse posto. A música tema do casal, “Proud”, de Heather Small, exibida no background da cena sugere ainda que algo está para acontecer entre ambos. É nessa cena ainda que Félix percebe o quanto Niko foi importante para a sua transformação e que retribui o

⁵² Cena transcrita de: <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/niko.html#cenas/3093728>. Acessado em 28/03/2014.

sentimento do “carneirinho”. A partir desse momento, ficou claro que Félix e Niko formavam o novo casal por quem o público torcia. De acordo com Nilson Xavier:

A regeneração de Félix trouxe consigo outro fato interessante. Lá pela metade da trama, os conflitos do casal romântico central – Paloma e Bruno (Paolla Oliveira e Malvino Salvador), se não estavam resolvidos ou esvaziados, dependiam unicamente de Félix. Foi quando vimos a “bicha má” tomar o posto de protagonista de Paloma e Bruno, que, a essa altura, já era um casal insosso e sem a torcida do público. E, com o protagonismo de Félix, um fato inédito: pela primeira vez, o público passou a torcer por um casal gay. Carrasco teceu sua teia de forma tão engenhosa que fez Félix, que já era querido, se envolver com o gay bonzinho da história, Niko, arrebatando o público.⁵³

Para selar definitivamente a relação dos dois, faltava o tão esperado beijo, que já vinha sendo reivindicado há muito tempo.

4.3. O beijo

No dia 31 de janeiro de 2014, foi ao ar, no último capítulo de “Amor à Vida”, o primeiro beijo entre um casal homossexual masculino em uma novela da Rede Globo. Segundo Walcyr Carrasco, em entrevista para a Revista da TV, foram gravadas três versões da cena: uma conservadora, uma moderada e uma agressiva. A moderada foi a opção escolhida em função do contexto em que o beijo aconteceu – uma situação familiar rotineira, em que o casal se despede na hora de ir trabalhar. Algo que, apesar de parecer comum, nunca tinha sido veiculado até então, apesar de muitas novelas anteriores terem abordado de maneira naturalizante uniões homoafetivas.

Mesmo antes de a cena ir ao ar, a expectativa em torno da possível exibição já pipocava nas redes sociais. Uma matéria publicada pelo site do jornal “O Globo” no dia 31, à tarde, lembrou alguns dos principais beijos gays na TV e no cinema. Além dos seriados norte-americanos *Glee* e *Brothers and Sisters* e dos filmes “O Segredo de Brokeback Mountain” e “Azul é a cor mais quente”, a reportagem rememorou a minissérie “Mãe de Santo” da TV Manchete, que, em 1990, apresentou um dos

⁵³ Disponível em <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/amoravidab.asp>, item “Bastidores”. Acessado em 29/03/2014.

primeiros beijos gays da televisão brasileira, e a novela “Amor e Revolução”, veiculada em 2011 pelo SBT. Ao contrário do caso brasileiro, na televisão norte-americana, a exibição de beijos e de cenas de carinho entre pessoas do mesmo sexo é bastante comum.

No twitter, a torcida também se mostrou grande – a *hashtag* #BeijaFelixENiko manteve-se entre os assuntos mais comentados do dia.⁵⁴ O jornalista e deputado federal Jean Wyllys levantou a bandeira de que o beijo precisava deixar de ser tabu na televisão brasileira e lançou a campanha #BeijaFélix, que chegou a ganhar participantes até no Instagram. Enquetes realizadas pela página UOL e pelo jornal “Zero Hora” mostraram que a maior parte do público era a favor da exibição do beijo, diferente do que acontecera menos de uma década antes em “América”.⁵⁵ ⁵⁶ De acordo com Felipe Cabral, em 2005, “o público não parecia completamente a favor de tal cena no horário nobre da Rede Globo” (CABRAL, 2007:60). Uma pesquisa realizada pelo “Globo online” mostrou que a maioria da audiência não queria ver o beijo entre Júnior e Zeca. Para 35% dos leitores, “a sociedade não estava preparada” para uma cena deste tipo. Na opinião de 31% dos votantes, o beijo deveria ser exibido, pois “era uma relação afetiva como outra qualquer”. Em terceiro lugar, com 24% dos votos vinha a opção “é melhor esconder essas coisas” e, em último, com apenas 11%, a opinião de que “estava na hora de mostrar a realidade dos homossexuais mesmo que não aceitem este tipo de relação” (CABRAL, 2007:60).

O público acompanhou a exibição do último capítulo fazendo comentários em tempo real nas redes sociais. Mensagens dizendo que o amor é capaz de superar o preconceito provaram que Walcyr Carrasco foi bem sucedido em sua proposta: demonstrar que o amor promove a aceitação. O ator Bruno Gagliasso, por exemplo, postou em sua página no twitter: “A arte e o amor venceram. Mt bom. Parabens!!!!

⁵⁴ “Os beijos gays da TV e do Cinema”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/os-beijos-gays-na-tv-no-cinema-11467328>. Acessado em 30/03/2014.

⁵⁵ “Enquete: Você acha que Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) deveriam se beijar em ‘Amor à Vida’?”. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundocaderno/enquete/voce-acha-que-felix-mateus-solano-e-niko-thiago-fragoso-deveriam-se-beijar-em-amor-a-vida-174134.html> . Acesado em 29/03/2014.

⁵⁶ Disponível em <http://televisao.uol.com.br/enquetes/2014/01/13/voce-acha-que-o-felix-mateus-solano-e-o-niko-thiago-fragoso-deviam-se-beijar-em-amor-a-vida.htm>. Acessado em 29/03/2014.

#mateus #felix #thiago #nico”.⁵⁷ A autora de novelas Glória Perez também comemorou a vitória. Em entrevista ao jornal “Extra”, a escritora parabenizou o colega Walcyr Carrasco e admitiu que ficou frustrada quando sua cena de beijo gay não foi ao ar, em 2005.⁵⁸ Como em uma final de Copa do Mundo, muitas pessoas se reuniram em bares e restaurantes não apenas para assistir ao beijo, mas também para comemorar. O comerciante Rafael Reis, de 21 anos, que assistiu ao capítulo com três amigos em um bar em São Paulo, afirmou que “foi uma explosão quando aconteceu a cena do beijo. Parecia gol do Brasil.”⁵⁹

Muitas pessoas levantaram também a importância da cena final da novela para o movimento gay. No encerramento da trama, Félix e Niko se mudaram para uma casa no litoral e se tornaram os responsáveis por César, vítima de um AVC. Em uma cadeira de rodas, o médico passou a depender dos cuidados do filho, a quem finalmente declarou seu amor na cena que encerrou o capítulo. O último take da novela selou definitivamente o carinho entre os dois, com ambos de mãos dadas.

A exibição do beijo, entretanto, não agradou a todos. Muitos evangélicos e católicos tradicionais criticaram a Rede Globo por promover a causa gay. O cantor Davi Sacer mostrou seu descontentamento ao publicar, no Twitter, as hashtags *#ForaNovelaMaligna* *#NovelaLixoMoral* *#ForaBBB* *#NãoVejoNovela*.⁶⁰ Conhecido por suas declarações homofóbicas e sua militância contra a aprovação do PL 122, o pastor Silas Malafaia também criticou a atitude da emissora. Segundo Malafaia, “a Globo tenta abrir um canal com os evangélicos por um lado e fecha por outro. A Rede Globo é a emissora campeã no país de promoção da causa gay”.⁶¹ Em resposta à reação negativa de muitos religiosos, o diretor da Globo, Mauro Mendonça comentou, em entrevista ao UOL:

⁵⁷ “Famosos comemoram beijo gay de novela nas redes sociais”. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/01/famosos-comemoram-beijo-gay-em-novela-nas-redes-sociais.html>. Acessado em 31/03/2014.

⁵⁸ “Autora Glória Perez festeja primeiro beijo gay na TV e lembra corte de cena que escreveu em Améria: ‘Frustrante’”, 2014. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/autora-gloria-perez-festeja-primeiro-beijo-gay-na-tv-lembra-corte-de-cena-que-escreveu-em-america-frustrante-11475410.html>. Acessado em 15/03/2014.

⁵⁹ ORTEGA, Rodrigo. “Público comemora beijo gay de ‘Amor à Vida’ em bar em São Paulo”. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/02/publico-comemora-beijo-gay-de-amor-vida-em-bar-em-sao-paulo.html>. Acessado em 31/03/2014.

⁶⁰ “Final de ‘Amor à Vida’ mostra primeiro beijo gay da Globo”. Disponível em <http://noticias.gospelprime.com.br/beijo-gay-amor-a-vida-globo/>. Acessado em 01/04/2014.

⁶¹ Ibidem

A grande dificuldade do brasileiro mediano, quando se trata de personagens homossexuais, é a aceitação de que existe afeto. Porque as pessoas sempre gostaram do gay cômico, mas quando é o gay amoroso, as pessoas não aceitam. O fundamentalismo antigay sempre pregou que isso ‘não é Deus’, mas o afeto é divino.⁶²

Em 2012, o seriado “Quero ser solteira”, do Multishow, também exibiu um beijo gay masculino, entre Leozinho, vivido por Felipe Cabral, e Fabrício, personagem de Eduardo Rios. De acordo com Felipe Cabral, também roteirista da série, apesar de ter sido uma grande vitória, a cena também incomodou alguns religiosos:

O episódio iria ao ar na sexta-feira e, na véspera, o portal do canal havia colocado uma mega chamada com a cena do beijo na íntegra. Bastou uma hora no ar, para já ter um debate fervoroso nos comentários do vídeo com milhões de evangélicos nos demonizando e muita gente rebatendo de volta. Foi uma loucura. No dia seguinte, pela manhã, saiu na coluna da Patricia Kogut, no jornal “O Globo”, a foto do tal “primeiro beijo gay” dos canais Globo. Pronto. Caos total. A mídia foi tão grande que uma “ordem de cima” fez com que o vídeo do beijo saísse do ar imediatamente do site do canal. Não só isso, como a cena do beijo foi editada quando o episódio foi ao ar. O beijo aconteceu, mas não completo.⁶³

Em fevereiro de 2014, uma semana após o término da “Amor à Vida”, uma palestra para autores e diretores da Record, coordenada por executivos da empresa, apresentou, com base em uma pesquisa realizada pelo Ibope, as preferências e opiniões do público em relação à dramaturgia da emissora. Os resultados mostraram que o telespectador aprova a realização de produções de época, entre elas as bíblicas, mas também deseja ver histórias mais inovadoras, com destaque para a vida atual e foco no cotidiano. Embora já tenha apresentado personagens homossexuais em algumas de suas novelas, como Danilinho, vivido por Claudio Heinrich em “Caminhos do Coração”, ou Diogo, personagem de Sérgio Menezes em “Bela – A feia”, o beijo entre duas pessoas do mesmo sexo nem entrará em pauta na emissora do

⁶² “Final de ‘Amor à Vida’ mostra primeiro beijo gay da Globo”. Disponível em <http://noticias.gospelprime.com.br/beijo-gay-amor-a-vida-globo/>. Acessado em 01/04/2014.

⁶³ Retirado da entrevista exclusiva realizada com o ator e roteirista, disponível nos anexos.

bispo Edir Macedo. Durante a palestra, a veiculação deste tipo de cena mostrou desagradar a cúpula religiosa da Record.⁶⁴

O SBT, por outro lado, já exibiu um beijo entre duas mulheres, na novela “Amor e Revolução”. A cena em que Marcela (Luciana Vendramini) e Marina (Giselle Tigre) deram um longo e apaixonado beijo foi ao ar no dia 12 de maio de 2011, chamando a atenção da mídia para a novela, cuja audiência estava em baixa. Segundo Nilson Xavier, este foi o primeiro beijo entre duas mulheres em uma novela brasileira.⁶⁵ O autor Tiago Santiago chegou inclusive a escrever uma cena de beijo para os personagens Jeová (Lui Mendes) e Chico (Carlos Artur Thiré). Anunciada para ir ao ar no dia 07 de julho de 2011, a sequência foi vetada pela direção da emissora, que explicou ter tomado essa decisão após uma pesquisa mostrar insatisfação “em relação às cenas de violência demasiada e beijo gay explícito, que incomodaram a maioria das famílias brasileiras”.⁶⁶

Apesar das controvérsias, o beijo em “Amor à Vida” foi bem recebido pelo público. Em nota, a Rede Globo divulgou que “atenta ao momento da sociedade”, estuda a criação de programas voltados, exclusivamente, para o público gay. O primeiro deles, de acordo com o site “Mix Brasil”, está sendo viabilizado para ir ao ar entre 2015 e 2016, e será uma espécie de variação do programa “Amor e Sexo”, apresentado por Fernanda Lima.⁶⁷ Outra ideia em pauta é a criação de um reality show mostrando a rotina de casais homossexuais. Segundo a página UOL Entretenimento, a emissora pretende incluir, nesse programa, um quadro em que tanto personalidades nacionais, quanto telespectadores comuns assumissem sua orientação sexual em público.⁶⁸

Algumas pessoas, no entanto, contestam essa mudança na forma de pensar da sociedade tão defendida pela emissora. Felipe Cabral, por exemplo, questiona: “A sociedade mudou tanto assim para ela achar que está preparada para o beijo? Não sei

⁶⁴ “Nada de beijo gay na Record”. Disponível em <http://almanaquedatv.com/nada-de-beijo-gay-na-record/>. Acessado em 01/04/14.

⁶⁵ Disponível em <http://www.teledramaturgia.com.br/tele/amorevolucaoob.asp>, item ‘Bastidores’. Acessado em 01/04/14.

⁶⁶ Ibidem

⁶⁷ NETO, Nelson. “Globo cogita criar programa para público gay”. Disponível em <http://mixbrasil.xpg.uol.com.br/cultura/cultura/globo-cogita-criar-programa-para-o-publico-gay.html>. Acessado em 11/04/2014.

⁶⁸ FELTRIN, Ricardo. “Globo já estuda criar programa para público gay”. Disponível em <http://celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2014/03/18/globo-ja-estuda-criar-programa-para-publico-gay.htm>. Acessado em 11/04/2014.

se é por aí.”⁶⁹ Para ele, a decisão pela exibição da cena, ao contrário do que aconteceu em “América”, por exemplo, está mais associada a alterações estratégicas da Rede Globo. E, se assim for, o amor entre pessoas do mesmo sexo vai ganhar, cada vez mais, retratos mais fiéis à realidade desses casais nas tramas. “Acho que se trata mais de uma política interna da emissora do que de outra coisa. Sendo assim, acho que com muita calma, a emissora vai, aos poucos, liberar mais carícias e afetos entre os casais gays, sim.”⁷⁰

⁶⁹ Retirado da entrevista exclusiva realizada com o ator e roteirista, disponível nos anexos.

⁷⁰ Ibidem.

5. CONCLUSÃO

Ao longo desses quase 50 anos de vida da Rede Globo, a representação homossexual em suas novelas passou por muitas transformações. Ao verificar os folhetins em perspectiva histórica, fica evidente o aumento da temática homossexual em suas tramas. Nesse cenário, a emissora vem alternando caracterizações afetadas e estereotipadas, com representações ditas “normais”, isto é, construções que não apresentam nenhum trejeito, linguajar ou vestimenta que possam denunciar a orientação sexual dos personagens. No entanto, percebe-se também uma forte presença de casais gays inscritos em um padrão heteronormativo de comportamento, o que nos provoca a seguinte reflexão: será que essa é uma tendência real da contemporaneidade ou apenas uma condição imposta pela televisão como estratégia para a aceitação, por parte do público, da homossexualidade nas telenovelas? E se essa tendência de fato existir, será que o seu surgimento não foi consequência do seu aparente sucesso na ficção? Afinal, como já foi dito, as novelas têm poder de influenciar não apenas os hábitos e costumes do público, mas também modificar as suas crenças e convicções.

Que a presença de gays e lésbicas nas novelas, especialmente quando não representados de forma estereotipada ou ligados à criminalidade, tem conferido maior aceitação à orientação homossexual, isso é evidente. O beijo entre Félix e Niko com certeza foi um marco na história da televisão brasileira. Pela primeira vez, uma novela mostrou abertamente um beijo apaixonado entre dois homens, sem qualquer tipo de maquiagem. A cena protagonizada por Mateus Solano e Thiago Fragoso significou muito mais do que a simples quebra de um tabu televisivo sobre um gesto de afeto entre duas pessoas do mesmo sexo. Ela é importante, principalmente, pelo alcance de sua visibilidade. Sua exibição em uma novela do horário nobre, produto de teledramaturgia mais importante da emissora líder de audiência no Brasil – a Rede Globo –, fez dezenas de milhões de pessoas enxergarem algo que se torna cada vez mais comum: um homem se assumir, abandonar o jogo de aparências de relações heterossexuais de fachada e unir-se afetuosamente a outro homem. Em comparação ao silêncio, que representa igualmente uma forma de preconceito e discriminação, a veiculação de um beijo entre dois homens de forma natural em uma novela global consolidada que ser gay é normal, embora muitos conservadores não queiram admitir. É claro que a cena não agradaria a todos, afinal de contas os seres humanos são

diferentes e, portanto, têm pensamentos e gostos distintos. Todavia, é importante que se perceba que, justamente por retratar a realidade, a novela não pode mais ignorar determinados aspectos. Ao mostrar uma cena de beijo gay, “Amor à Vida” e sua equipe criativa não pretendiam fazer com que todos aprovassem a união homossexual, visavam apenas mostrar que isso é real e merece respeito.

Os dados divulgados pelo 2º Relatório Sobre Violência Homofóbica e a pendência na aprovação da PL 122, que criminaliza a homofobia, comprovam, no entanto, que ainda existe uma longa caminhada na luta contra a discriminação. Para que se possa falar, efetivamente, em “fim do preconceito” na televisão, é necessário que a grande diversidade do povo brasileiro seja retratada de forma mais fidedigna nas novelas. Para isso, a televisão precisa contemplar a multiplicidade que abriga a sigla GLBTT, além de representar as relações homossexuais também com carinhos, abraços e beijos, sem fingir que nesses relacionamentos não existe o afeto. Além disso, é preciso que o espaço ocupado por uma maioria branca na telinha seja dividido em partes iguais com o negro, o índio, o pardo e o oriental, para que, aí sim, o Brasil veiculado nas novelas seja mais fiel à realidade da nossa população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

FERNANDES, Ismael. *Memória da telenovela brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GLOBO, *Dicionário da TV, v. 1: Programas de Dramaturgia e Entretenimento / Projeto Memória das Organizações Globo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). *Telenovela: internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.) *Convergências e transmediação da ficção televisiva*. São Paulo: Globo, 2010.

MAIOR, Marcel Souto. *Almanaque da TV Globo / Pesquisa Memória Globo*. São Paulo: Globo, 2006.

MELO, José Marques de. *As Telenovelas da Globo: produção e exportação*. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravasarai, 2003.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mario Ortiz. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Artigos, Monografias e Teses

CABRAL, Felipe. “Paraíso Tropical e a representação homossexual nas novelas da Rede Globo” – Monografia apresentada no curso de Comunicação Social da PUC-Rio/RJ. Orientador: Prof. Dr. Renato Gomes, Rio de Janeiro, 2007.

COLLING, Leandro. “Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados”. *Revista Gênero*, vol. 8, número 1, p. 207 – 222, segundo semestre de 2007.

FERNANDES, Liana Beatriz C. “O Brasil representado na telenovela Senhora do Destino” - Monografia apresentada no curso de Jornalismo da ECO/UFRJ. Orientador: Profa. Dra. Ilana Strozenberg, Rio de Janeiro, 2005.

RODRIGUES, José Luis Pinto. “Impressões de Identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil”. Tese de Doutorado apresentada na

Universidade federal Fluminense, Centro de Estudo Gerais, Instituto de Letras, Fevereiro de 2007. Rio de Janeiro.

SANTOS, Amanda Wanderley. “Exportação de telenovelas: a venda de *know-how*”- Monografia apresentada no curso de Jornalismo da ECO/UFRJ. Orientador: Profa. Dra. Cristiane Costa, Rio de Janeiro, 2010.

Matérias e Reportagens

“As 10 polêmicas de Bolsonaro”. Disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/infograficos/polemicas-de-bolsonaro/>. Acessado em 27/03/2014.

“Autora Glória Perez festeja primeiro beijo gay na TV e lembra corte de cena que escreveu em Améria: ‘Frustrante’”, 2014. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/autora-gloria-perez-festeja-primeiro-beijo-gay-na-tv-lembra-corte-de-cena-que-escreveu-em-america-frustrante-11475410.html>. Acessado em 15/03/14.

“Beijo gay na TV brasileira agita planeta”. Disponível em <https://www.rea.pt/forum/index.php?topic=4835.685;wap2>. Acessado em 15/03/14.

BONADIO, Luciana. “Ativistas gays comemoram decisão que permite adoção de crianças”, 2006. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,AA1361499-5605-440,00.html>. Acessado em 15/03/14.

“Bruno Gagliasso critica emissora por veto de beijo gay em América”, 2014. Disponível em <http://www.diariodegaurulhos.com.br/2014/03/10/censurado-bruno-gagliasso-critica-globo-por-veto-de-beijo-gay-em-america/>. Acessado em 15/03/14.

CARVALHO, Marcelle. “Em ‘Amor à vida’, Marcello Anthony não alivia para Eron: ‘Seria o primeiro a dar uns tapas nele’”. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/em-amor-vida-marcello-anthony-nao-alivia-para-eron-seria-primeiro-dar-uns-tapas-nele-11087189.html>. Acessado em 28/03/14.

“Direitos Homossexuais: a trajetória do preconceito”. Disponível em <http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/direitos-homossexuais/>. Acessado em 03/01/2014.

“Entrevista com Bruno Gagliasso”, 2005. Site Globo.com. Disponível em <http://america.globo.com/Novela/America/0,,AA984143-4197,00.html>. Acessado em 15/03/14.

“Entrevista: Luiz Mott fala sobre homofobia, direitos LGBT e Marco Feliciano na CDHM”. Disponível em <http://www.ggb.org.br/luiz%20mott%20entrevista%20passageiro%20do%20mundo%202013.html>. Acessado em 09/04/14.

“Enquete: Você acha que Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) deveriam se beijar em ‘Amor à Vida’?”. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/enquete/voce-acha-que-felix-mateus-solano-e-niko-thiago-fragoso-deveriam-se-beijar-em-amor-a-vida-174134.html> . Acessado em 29/03/2014.

“Famosos comemoram beijo gay de novela nas redes sociais”. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/01/famosos-comemoram-beijo-gay-em-novela-nas-redes-sociais.html>. Acessado em 31/03/14.

“Final de ‘Amor à Vida’ mostra primeiro beijo gay da Globo”. Disponível em <http://noticias.gospelprime.com.br/beijo-gay-amor-a-vida-globo/>. Acessado em 01/04/2014.

GIGLIOTTI, Amanda. “Globo esfria gays em Insensato Coração: não apologia à lei contra homofobia”. Disponível em <http://portugues.christianpost.com/news/globo-esfria-gays-em-insensato-coracao-nao-apologia-a-lei-contra-homofobia-2462/> . Acessado em 22/03/2014.

“Leonardo Miggiolin conta que o personagem Roni conquistou diferentes públicos”. Disponível em <http://televisao.uol.com.br/novelas/insensato-coracao/2011/07/29/em-insensato-coracao-leonardo-miggiolin-counta-que-o-personagem-roni-conquistou-diferentes-publicos.jhtm> . Acessado em 22/03/2014.

LETTIERE, Giovani. “Romances gays já incomodaram nas novelas”. *O Globo Online*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/romances-gays-ja-incomodaram-nas-novelas-4214854>. Acessado em 12/03/2014.

LETTIERE, Giovani. “Casais gays ganham lugar cativo no horário nobre da TV transformando tabu em tradição”. 2007. *OGloboOnline*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/02/16/294610854.asp> , 17/02/2007. Acessado em 07/03/2014.

MACIEL, Welliton. “Um panorama da violência homofóbica no Brasil”. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/um-panorama-da-violencia-homofobica-no-brasil>. Acessado em 03/04/14.

“Nada de beijo gay na Record”. Disponível em <http://almanaquedatv.com/nada-de-beijo-gay-na-record/>. Acessado em 01/04/14.

NERY, Junior. “Os casais gays mais marcantes das novelas brasileiras”. Disponível em <http://www.identidadeg.com.br/2010/09/os-casais-gays-mais-marcantes-das.html>. Acessado em 12/03/2014.

NITAHARA, Akemi. “Número de domicílios no país cresce mais do que a população”. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09-27/numero-de-domicilios-no-pais-cresce-mais-do-que-populacao>. Acessado em 06/03/2014.

“Número de denúncias de violência homofóbica cresceu 166% em 2012, diz relatório”. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/noticias/2013/junho/numero-de>

[denuncias-de-violencia-homofobica-cresceu-166-em-2012-diz-relatorio](#) . Acessado em 27/03/2014.

OLIVEIRA, Mariana. “Deputado Marco Feliciano responde por homofobia e estelionato no STF”. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/deputado-marco-feliciano-responde-por-homofobia-e-estelionato-no-stf.html> . Acessado em 27/03/2014.

“Orlandinho de A Favorita causa polêmica entre gays”, 2008. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC, blog.BlogDataServer.getBlog&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=133421&blog=378&coldir=1&topo=3994.dwt> . Acessado em 15/03/14.

ORTEGA, Rodrigo. “Público comemora beijo gay de ‘Amor à Vida’ em bar em São Paulo”. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/02/publico-comemora-beijo-gay-de-amor-vida-em-bar-em-sao-paulo.html>. Acessado em 31/03/14.

“Os beijos gays da TV e do Cinema”. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/os-beijos-gays-na-tv-no-cinema-11467328>. Acessado em 30/03/2014.

“Personagem de Cauã Reymond gera polêmica entre grupos gays em ‘A Favorita’”, 2008. Disponível em <http://verdesmares.globo.com/v3/canais/noticias.asp?codigo=224623&modulo=972> . Acessado em 15/03/14.

REIS, Toni. “Homossexualidade, a novela ‘Amor à Vida’ e homofobia no Brail”. Disponível em <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=76829> . Acessado em 26/03/2014.

“Remake de ‘O Rebu’ começa a ser gravado em abrilna Argentina”. Disponível em <http://natelinha.ne10.uol.com.br/novelas/2014/03/15/remake-de-o-rebu-comeca-a-ser-gravado-em-abril-na-argentina-72652.php>. Acessado em 01/04/14.

SÁ, Michael. “Autora Glória Perez festeja primeiro beijo gay na TV e lembra corte de cena que escreveu em Améria: ‘Frustrante’”, 2014. Disponível em <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/autora-gloria-perez-festeja-primeiro-beijo-gay-na-tv-lembra-corte-de-cena-que-escreveu-em-america-frustrante-11475410.html>. Acessado em 15/03/14.

STYCER, Maurício. “‘Amor à vida’ atirou em todas as direções e só acertou no que não previu”. Disponível em <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/tag/mateus-solano/> . Acessado em 26/03/2014.

TORRES, Heloísa. “‘Cura gay’ é aprovada pela Comissão de direitos humanos da Câmara”. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/06/cura-gay-e-aprovada-pela-comissao-de-direitos-humanos-da-camara.html>. Acessado em 27/03/2014.

WERNECK, Guilherme. “Entrevista com Joe Wallach”. Revista Trip, número 169, edição de agosto de 2008. Disponível no site da revista <http://revistatrip.uol.com.br/revista/169/paginas-negras/joe-wallach/page-1.html> . Acessado em 25/02/14.

Websites

Globo.com - <http://www.globo.com>

Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual – <http://www.arco-iris.org.br>

Grupo Dignidade - <http://www.grupodignidade.org.br/>

Grupo Gay da Bahia - <http://www.ggb.org.br/>

Memória Globo - www.memoriaglobo.globo.com

Senado Federal - <http://www.senado.gov.br/>

Teledramaturgia – www.teledramaturgia.com.br

Vídeos

“Banho de Leila e Rafaela. Torre de Babel, 1998”. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dFCStNQz15U>. Acessado em 12/03/2014.

“Félix desabafa com Niko sobre seus problemas com o pai”. Disponível em <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/personagem/niko.html#cenas/3093728>. Acessado em 28/03/14.

“Novela Amor à Vida – Homofobia pai Cesar Félix”. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NYv0I_P3ADg . Acessado em 27/03/2014.

“Mulheres Apaixonadas: Clara e Rafaela encenam Romeu e Julieta”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oU0mNQEr8UE>. Acessado em 12/03/2014.

“Proud”, música de Heather Small. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LEoxGJ79PMs> . Acessado em 29/03/14.

“Roni se irrita com a violência contra os homossexuais” Disponível em <http://globo.com/rede-globo/insensato-coracao/v/roni-se-irrita-com-a-violencia-contra-os-homossexuais/1540413/> . Acessado em 22/03/2014.

“Vídeo exclusivo: Solano e Thiago Fragoso mostram como foi a gravação da cena final”. Disponível em <http://gshow.globo.com/novelas/amor-a-vida/Fique-por-dentro/noticia/2014/02/video-exclusivo-solano-e-thiago-fragoso-mostram-como-foi-gravacao-da-cena-final.html> . Acessado em 03/04/14.

“Walcyr fala sobre a redenção de Félix”. Disponível em <http://globo.com/t/programa/v/walcyr-fala-sobre-a-redencao-de-felix/3115979/> . Acessado em 26/03/2014.

ANEXOS I

Entrevista – Felipe Cabral (ator e roteirista)

1 – Na sua opinião, qual a importância de se ter, nas novelas das oito da Globo, personagens homossexuais?

Não consigo ignorar que a novela das oito no Brasil tem uma forte influência na maneira do brasileiro, ou grande parte dele, se portar diante de certas situações. Há até um certo tipo de hipocrisia nisso e um pensamento do politicamente correto em voga. Se eu tenho preconceito com gays, mas a novela das oito coloca um gay e fala que ele é normal, eu ou xingo a Rede Globo e falo que ela está incentivando a “ditadura gay” ou eu acho que fica feio falar que gay é anormal, já que a Rede Globo está me dizendo o contrário. Chega a ser ridículo, para quem é mais esclarecido e não vê problema algum com a sexualidade de cada um, mas passa por aí também. Também importa a maneira como o gay é retratado. Se ele fica apenas na caricatura, que avanço se tem nisso? Ao mesmo tempo, a função de uma novela é criar avanços sociais e políticos ou ser apenas uma obra de ficção, puro entretenimento? O autor, quando coloca um personagem gay, automaticamente tem uma responsabilidade social? Não pode apenas contar a sua história da maneira que quiser? Acho um ponto positivo ter um personagem gay em uma trama, se ele for mostrado lidando com questões pertinentes, porque obriga ao mais preconceituoso a assistir a história desse personagem no meio de sua sala de estar. O tema não fica mais escondido e não falado. Quer ver a novela? Veja, mas, então veja ela com todos os seus personagens.

2 – Você acredita que uma representação mais caricaturizada e afeminada na TV, mesmo que existam muitos gays assim, ainda contribui para a formação de uma identidade gay negativa? Por que?

Não acredito mais tanto nesse jeito de se representar os gays, não. Na TV aberta sempre teremos a figura da bicha engraçada, faz parte da cultura e realmente temos bichas engraçadas no mundo real. Também existe no meio gay um preconceito de alguns gays com o gay afeminado. O que está começando a ficar mais forte é a representação não caricaturizada e isso que é interessante. A TV tem importância nisso com certeza, mas dizer que só ela é a responsável pela formação de uma identidade gay negativa é uma grande responsabilidade. O preconceito existe antes da televisão e, sinceramente, não consigo entender o preconceito. É fruto de pura ignorância, desconhecimento de causa. Não há lógica alguma para você odiar outra pessoa pela sua sexualidade, pela sua cor. Não há lógica, não tem porquê. O cidadão preconceituoso talvez repense seu modo de pensar se entrar em contato com algum gay, mas talvez não. Talvez assista a uma novela e mude seu jeito de pensar, ou olhe para a novela e ache aquilo uma idiotice.

3 – O Prof. Leandro Colling, mestre e doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, defende que a partir da virada do século XX para o XXI, os personagens gays nas novelas começaram a se comportar dentro de um modelo heteronormativo, em que, além de quase não demonstrarem afeto na telinha,

passaram a ter atitudes e desejos como se fossem um casal heterossexual. O que você acha disso?

Adoro essa discussão e toco nela no meu próximo curta, “Aceito”. O conceito de heteronormatividade era totalmente desconhecido para mim até o final do ano passado. Nunca tinha escutado falar nisso, mas quando me foi apresentado achei muito interessante. Acho sim que um casal de dois homens que não demonstre um jeito afeminado, que não demonstre muito carinho, é mais aceito à primeira vista na teledramaturgia brasileira. Pela maioria. Na novela Paraíso Tropical, essa foi a grande crítica ao casal gay de Sergio Abreu e Carlos Casagrande, pois pareciam que eram dois amigos que moravam juntos.

É uma discussão enorme, o que são atitudes típicas de um casal heterossexual? Se beijar, fazer sexo, se abraçar? Isso não é típico de um casal heterossexual e sim de qualquer casal. Quais seriam os traços típicos de comportamento homossexual? Esses rótulos e definições são muito esquisitos. Definir o comportamento de um casal pela sua sexualidade. Tira qualquer tipo de individualidade deles.

4 – Você acha que essa heterossexualização é uma tendência real de muitos homossexuais ou apenas uma condição imposta pela televisão como estratégia para a aceitação, por parte do público, da homossexualidade nas telenovelas?

Não sei se existe essa heterossexualização dos casais. Só percebi isso em Paraíso Tropical. Na novela Amor à Vida qual era essa heterossexualização? Não havia, no meu ponto de vista. O que é um casal gay heterossexual? Acho muito esquisito se falar assim. O casal gay, para mim, ou é aceito ou não é aceito, independente da maneira como é retratado. Quem tem preconceito, ou tem preconceito ou não tem. Se o casal não se tocar ele talvez até “agüente mais”, mas não vai gostar mesmo assim, afinal para ele, esse “tipo de gente” não é normal.

5 – Como foi a experiência de protagonizar o beijo em “Quero ser solteira”? Qual foi a recepção do público?

Nossa, foi uma loucura total. Primeiro porque foi uma longa estrada. Ao escrevermos o roteiro, eu e a minha parceira do projeto Claudia Sardinha, colocamos a cena do beijo já pensando em uma censura imediata, mas não foi o que houve. Quando fomos gravar a cena, gravamos algumas versões do beijo, deixamos a mais longa e mandamos para a aprovação do canal. A cena foi aprovada, colocada no ar no site do canal com uma forte divulgação. O episódio iria ao ar na sexta-feira e na véspera o portal do canal havia colocado uma mega chamada com a cena do beijo na íntegra. Bastou uma hora no ar para já ter um debate fervoroso nos comentários do vídeo com milhões de evangélicos nos demonizando e muita gente rebatendo de volta. Foi uma loucura. No dia seguinte, pela manhã, saiu na coluna da Patricia Kogut, no jornal O Globo, a foto do tal “primeiro beijo gay” dos canais Globo. Pronto. Caos total. A mídia foi tão grande que uma “ordem de cima” fez com que o vídeo do beijo saísse do ar imediatamente do site do canal. Não só isso, como a cena do beijo foi editada quando o episódio foi ao ar. O beijo aconteceu, mas não completo. Evidentemente fiquei chateado, me senti totalmente censurado e com raiva, mas ao analisar o episódio depois, me senti vitorioso. Porque o episódio mostrava muitas

outras coisas sobre o jovem homossexual que eu nunca tinha visto sido retratadas na televisão. Foi uma vitória enorme, tratar desse tema de uma maneira jovem e normal, como é.

A repercussão foi maravilhosa. Recebi muitas mensagens de apoio e de agradecimento pela série e pela cena. Muita gente se viu representada ali e isso foi a melhor coisa que poderia acontecer. Na semana seguinte pipocaram muitas matérias sobre o beijo gay novamente e saber que fui o responsável por esse debate foi incrível.

6 – Você gostou da trajetória de Félix e Niko em Amor à Vida? Acha que de fato foram dois personagens de sucesso? Se sim, quais foram seus méritos?

Eu não acompanhei essa novela, então não posso dizer muito sobre como esses personagens foram conduzidos. O que sei é que o casal protagonista não agradou e quem acabou caindo nas graças do público foi o Niko e o Felix, pelo trabalho e talento deles. Acho que fizeram sucesso porque conseguiram conquistar a simpatia das donas de casa que apoiaram um casal gay. O mérito maior foi esse.

7 – Na sua pesquisa sobre a representação homossexual nas novelas, você questiona o excesso de discrição através do qual os relacionamentos gays apareciam nas novelas. Muitos casais eram retratados como felizes e bem resolvidos, mas sem carícias, abraços ou beijos. Você acha que isso vai mudar depois de Amor à Vida?

É, como você pôde ver pelas minhas respostas, minha cabeça já mudou muito de 2007 para cá. Muitas novelas no meio também já aconteceram. Eu acho que essa maior abertura aos personagens gays nas novelas pode ter se dado por muitas razões. A Rede Globo decidir não censurar um beijo gay, como já havia feito em América, mostra uma mudança de estratégia da empresa. A sociedade mudou tanto assim para ela achar que está preparada para o beijo? Há sete anos atrás, ela não aceitava, e agora aceita? Não sei se é por aí. Acho que se trata mais de uma política interna da emissora do que de outra coisa. Sendo assim, acho que com muita calma, a emissora vai, aos poucos, liberar mais carícias e afetos entre os casais gays, sim.

8 – Como você diria que está o movimento gay hoje, no Brasil?

Não conheço o movimento gay brasileiro para responder isso. Nem sei o que é o movimento gay. Acho que quem luta pelos direitos dos homossexuais ganhou mais força, mas ao mesmo tempo, encontra mais resistência e oposição. Pelo direito de liberdade de expressão, assim como os gays se defendem, os irracionais preconceituosos também falam o que pensam e ficamos nesse conflito. Eu espero que não precisemos de movimentos gays e sim uma sociedade mais igualitária e menos ignorante.